

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**HISTÓRIA E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DO MOVIMENTO POR
CURSINHOS POPULARES EM CAMPINAS (2000-2020)**

Letícia Sousa Krahenbuhl

Sorocaba

2025

LETICIA SOUSA KRAHENBUHL

**História e Experiências Pedagógicas do Movimento por Cursinhos Populares em
Campinas (2000-2020)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba.

Orientação: Prof^a. Dra^o. Giovanna Henrique Marcelino.

Sorocaba

2025

Krahenbuhl, Letícia Sousa

História e experiências pedagógicas do movimento por cursinhos populares em Campinas (2000-2020) / Letícia Sousa Krahenbuhl -- 2025.
70f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Giovanna Henrique Marcelino.
Banca Examinadora: Antonio Fernando Gouvêa da Silva,
Maria Carla Corrochano
Bibliografia

1. Cursinho popular. 2. Educação popular. 3. Acesso ao ensino superior. I. Krahenbuhl, Letícia Sousa. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA (CCPEDL-SO)
Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780
Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 49/2025/CCPedL-So/CCHB/R

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

LETÍCIA SOUSA KRAHENBUHL

HISTÓRIA E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DO MOVIMENTO POR CURSINHOS POPULARES EM CAMPINAS (2000-2020)

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Sorocaba, 16 de dezembro de 2025

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof. ^a Dr. ^a Giovanna Henrique Marcelino
Membro da Banca 1	Prof. Dr. Antônio Fernando Gouvêa da Silva
Membro da Banca 2	Prof. ^a Dr. ^a Maria Carla Corrochano



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Fernando Gouvea da Silva, Professor(a) Efetivo(a)**, em 17/12/2025, às 18:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Carla Corrochano, Professor(a)**, em 21/01/2026, às 08:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **2103860** e o código CRC **470F535B**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.039556/2025-91

SEI nº 2103860

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

Assinado por:

Prof.^a Dr.^a Giovanna Henrique Marcelino

E44A43F70DA43E...

Prof.^a Dr.^a Giovanna Henrique Marcelino

Aos que se atrevem a esperar em meio a barbárie.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho, apesar de ter sido finalizado na graduação, começou muito antes da minha vivência como estudante universitária: começou como pessoa. Além disso, como defendido por Paulo Freire, seu processo de escrita foi possível graças à coletividade, ao amor, à solidariedade e ao diálogo mútuo com diferentes pessoas presentes no meu percurso na universidade e fora dela. Por isso, segue aqui minha maior gratidão a todos que fizeram parte dessa travessia.

Agradeço infinitamente a minha orientadora e professora, Prof^ª. Dr^ª. Giovanna Henrique Marcelino por todos os ensinamentos, pelo acompanhamento no processo da escrita e pela prática do *esperançar*. Quando entrei na disciplina de Movimentos Sociais e Educação fui completamente transformada por uma pedagogia crítica, libertadora, amorosa e dialógica. A cada aula, a cada reunião, a cada conversa e a cada encontro, saía com meu coração transbordando de esperança na educação popular e na transformação social. Tê-la conhecido na graduação, mesmo que nos anos finais do curso, para mim foi um presente, um sinal da educação que quero perseguir e cuja chama quero manter acesa para um mundo mais justo.

A todos os professores da graduação por todos os ensinamentos e acolhimento no meio acadêmico. Cito aqui, especialmente, a Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Maria Salgado dos Santos que me fez aprender sobre uma educação respeitosa, artística e amorosa, e a Prof^ª. Dr^ª. Débora Dainez que me fez olhar para as pessoas com deficiência de forma humana e me mobilizou a lutar pela inclusão social desses sujeitos no âmbito escolar e social.

Aos professores participantes da minha banca avaliadora: Prof. Dr. Antonio Fernando Gouvêa da Silva e Prof^ª. Dr^ª. Maria Carla Corrochano. Agradeço pelas aulas e discussões que tivemos na graduação e pela disponibilidade de ler e avaliar meu trabalho.

Ao Cursinho Popular TRIU, que me acolheu em um momento de vulnerabilidade financeira e emocional e me ensinou tanto sobre a prova do vestibular, mas também sobre coletividade, solidariedade, amor, afeto, respeito, crítica social e cuidado-próprio. Sem vocês, eu e muitos outros jovens não teriam os seus sonhos sendo realizados, e sou extremamente grata ao trabalho de todos os militantes envolvidos. Ao Cabé, coordenador do projeto, minha maior gratidão, respeito e admiração pela sua coragem em mudar o mundo em que vivemos com luta, com respeito e muito amor.

A todos os quais me permitiram entrevistá-los a respeito dos cursinhos em Campinas: André Vex, Rô Benevides, Eduardo Vinagre e Cabé. Suas lutas e vivências me fizeram enxergar uma pedagogia emancipadora, de resistência e de luta frente às desigualdades e

opressões sociais e me dão forças para acreditar em um mundo mais justo. Esse trabalho não seria possível sem vocês e agradeço infinitamente pelo apoio a minha pesquisa.

Às minhas colegas de grupo de pesquisa e aos nossos encontros às sextas-feiras, numa sala pequena em espaço, mas grande de sonhos e luta: Bea Nazário, Bia Valença, Anna Clara, Kamille e Rhai. Aprendi muito com vocês, com suas pesquisas e vidas. Que possamos continuar essa luta sem desanimar, um dia após o outro.

Também, cito aqui minha gratidão aos amigos da graduação e de Sorocaba, que me fortaleceram e fizeram desses anos na cidade uma fase muito feliz e próspera na minha vida: Camila, Bia Valença, Gislaine, Bia Nazário, Vitória, Sandrinha, Ingrid, Leandro e Gustavo. Quantas conversas e lugares legais pudemos conhecer e desbravar juntos - sou grata a todos vocês por tudo e espero que tenhamos muito mais histórias para contar.

À minha família querida e amada que sonhou junto comigo por uma educação de qualidade e por uma formação acadêmica. É quase inacreditável, mas eu consegui: me formei numa universidade pública e entrego à vocês todos esses sonhos e lutas que sonhamos e lutamos juntos. Aos meus pais, Néia e Marcos, e aos meus avós, Dona Mundica (in memoriam), seu Oscar, Tereza e Marco (in memoriam), que prepararam um solo fértil para que eu pudesse plantar e germinar. Tudo o que sou, devo a vocês e tudo o que luto numa esperança infundável, é para dar aos outros o que vocês não tiveram. E a Deus, por ser um grande companheiro nos momentos difíceis e por me ajudar a estar até aqui.

E, finalmente, a todos os Cursinhos Populares e militantes desses nas comunidades periféricas e abandonadas pelo Estado. Todo o trabalho social e educativo que desempenham não é em vão, é um símbolo de resistência contra as desigualdades, as injustiças e as atrocidades vivenciadas por esses jovens diariamente. Vocês são uma luz de esperança, de luta e solidariedade em tempos difíceis. Que continuem a *esperançar*, com uma esperança de luta, mas também de amor, solidariedade, diálogo, empatia, respeito e criticidade.

“O desespero é uma espécie de silêncio, de recusa do mundo, de fuga. No entanto, a desumanização que resulta da ordem injusta não deveria ser uma razão da perda da esperança, mas, ao contrário, uma razão de desejar ainda mais, e de procurar sem descanso, restaurar a humanidade esmagada pela injustiça”.

(Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido)

“De uma gente que ri quando deve chorar. E não vive, apenas aguenta. Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre. Quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania de ter fé na vida”.

(Milton Nascimento, Maria Maria)

RESUMO

KRAHENBUHL, Leticia Sousa. História e experiências pedagógicas do movimento por Cursinhos Populares em Campinas (2000-2020). 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba 2025.

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar os cursinhos populares como práticas educativas críticas, dotadas de uma pedagogia própria e constituídas enquanto movimentos sociais comprometidos com a democratização do acesso ao ensino superior e a formação de sujeitos politicamente engajados. Apoiando-se na recuperação da história e da genealogia desses cursinhos, observamos suas bases teóricas, suas articulações com diferentes movimentos sociais e sua aproximação com a pedagogia freiriana, entendendo-os como pedagogia do movimento social. Portanto, a partir da análise de depoimentos de fundadores, coordenadores e professores nas experiências de cursinhos populares na cidade de Campinas - como o TRIU e os núcleos da Rede Emancipa - no período entre 2000 a 2020, pode-se compreender esses espaços como portadores de uma pedagogia coletiva e emancipatória, articulando educação popular e ação política na luta por transformação social.

Palavras-chave: Cursinho Popular; Educação Popular; Movimentos Sociais; Acesso ao Ensino Superior.

ABSTRACT

KRAHENBUHL, Leticia Sousa. *History and Pedagogical Experiences of the Popular Courses Movement in Campinas (2000–2020)*. 2025. Undergraduate thesis (Graduation in Pedagogy) - Federal University of São Carlos campus Sorocaba, Sorocaba, 2025.

The present undergraduate thesis aims to analyze popular preparatory courses as critical educational practices, endowed with their own pedagogy and constituted as social movements committed to the democratization of access to higher education and to the formation of politically engaged subjects. By drawing on the recovery of the history and genealogy of these courses, this study examines their theoretical foundations, their connections with different social movements, and their proximity to Freirean pedagogy, understanding them as a pedagogy of the social movement. Therefore, based on the analysis of testimonies from founders, coordinators, and teachers involved in experiences of popular preparatory courses in the city of Campinas - such as TRIU and the nuclei of the Emancipa Network - between 2000 and 2020, these spaces can be understood as bearers of a collective and emancipatory pedagogy, articulating popular education and political action in the struggle for social transformation.

Keywords: Popular Preparatory Course; Popular Education; Social Movements; Access to Higher Education.

LISTA DE SIGLAS

ADUNICAMP: Associação de Docentes da Unicamp

APN's: Agentes Pastorais Negros

CAASO: Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira

CAPE: Curso de Apoio ao Estudante

CEBs: Comunidades Eclesiais de Base

CEC: Cursinho Educação e Cidadania

CPC-UNE: Centro Popular de Cultura da UNE

DCE: Diretório Central dos Estudantes da UNICAMP

E.E: Escola Estadual

EDUCAFRO: Educação para Afrodescendentes e Carentes

EJA: Educação de Jovens e Adultos

EMANCIPA VPA: Emancipa Vila Padre Anchieta

EMEF: Escola Municipal de Ensino Fundamental

ENCCEJA: Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

FE: Faculdade de Educação da Unicamp

FEBEM: Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor

FFLCH-USP: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

LGBTQIA+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais e Mais

MCP: Movimento de Cultura Popular

MES: Movimento Esquerda Socialista

MST: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MSU: Movimento dos Sem Universidade

NAV: Núcleo de Apoio ao Vestibular

PCB: Partido Comunista Brasileiro

PEIC: Projeto Educacional Interdisciplinar Comunitário

POLOP: Política Operária

PROUNI: Programa Universidade para Todos

PSOL: Partido Socialismo e Liberdade

PUC-Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas

PVNC: Pré-Vestibular para Negros e Carentes

SISU: Sistema de Seleção Unificada

STU: Sindicato dos Trabalhadores da UNICAMP

UBES: União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

UFSCar: Universidade Federal de São Carlos

UNE: União Nacional dos Estudantes

UNEafro: União de Núcleos de Educação Popular para Negras(os) de Classe Trabalhadora

UNESP: Universidade Estadual Paulista

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

UNIVESP: Universidade Virtual do Estado de São Paulo

USP: Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O CURSINHO POPULAR COMO MOVIMENTO SOCIAL NA HISTÓRIA	15
1.1. Como surgem os cursinhos populares? Um breve panorama histórico.....	16
1.1.1. A origem dos cursinhos.....	16
1.1.2. O impacto da ditadura militar brasileira.....	18
1.1.3. Redemocratização e neoliberalismo.....	20
1.2. A tipologia dos cursinhos.....	25
1.2.1. O cursinho como movimento social.....	27
2 A PEDAGOGIA CRÍTICA DOS CURSINHOS POPULARES	28
2.1. A pedagogia dos cursinhos.....	28
2.2. Cursinho como forma de educação popular.....	31
2.3. Cursinho popular como pedagogia do movimento social.....	35
3. O MOVIMENTO POR CURSINHOS POPULARES EM CAMPINAS	42
3.2. Breve histórico dos cursinhos populares em Campinas.....	45
3.2.1. O Cursinho Popular TRIU.....	45
3.3 A Rede Emancipa.....	48
3.3.1. Emancipa Toninho.....	48
3.3.2. Emancipa Vila Padre Anchieta.....	50
3.3.3. O Cursinho Popular Responsa!.....	52
3.3.4. Emancipa Capadócia.....	53
3.3.5. Emancipa Jordy Moura.....	55
3.4. Concepções de Educação Popular.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

INTRODUÇÃO

O processo de formação de um sujeito está entrelaçado com suas vivências e sua história pessoal. Gostaria de introduzir o presente trabalho apresentando as motivações e indagações iniciais que acompanharam meu percurso formativo e me levaram a pesquisar o tema dos cursinhos populares, dada a forma como ele se fez presente na minha própria trajetória escolar e de vida.

A presente pesquisa é, primeiramente, resultado da minha vivência como estudante de cursinho popular. Minha inspiração surgiu dos mais variados acontecimentos que pude vivenciar durante minha jornada naquele espaço. Ela também é tributária do apoio e afeto familiar, que me levaram a sonhar com uma educação de qualidade, da qual meus familiares não tiveram a oportunidade de ter acesso, já que infelizmente, para eles a universidade foi uma realidade distante e um direito não concretizado, mas que se reverteu num sonho que continuou a queimar em mim.

Apesar das dificuldades e falta de oportunidades, meus pais sempre acreditaram que a educação era o melhor caminho a se trilhar e me incentivaram avidamente a estudar para e concluir uma graduação. Motivada também pelos meus professores na escola, cultivei o desejo de prestar a universidade pública, pois entendia que era meu direito como cidadã e gostaria da melhor qualidade possível para minha formação. Quando finalmente terminei o ensino médio, decidi me tornar professora, a fim de defender a justiça e a transformação social. Foi, assim, que prestei o vestibular para Letras, Ciências Sociais e Pedagogia. Todavia, fui aceita apenas em uma federal em outro estado, de modo que o sonho do ingresso não se concretizou, dada a inviabilidade de me manter financeiramente por lá. Foi assim que, sem esperanças de estudos ou trabalho, conheci o Cursinho Popular TRIU, em Campinas.

Durante um ano inteiro como aluna do TRIU, experienciei uma educação crítica e de qualidade. O cursinho me amparou em um momento de fragilidade econômica, emocional e social, pois, depois de uma aparente “derrota” contra o vestibular, eu me sentia impossibilitada de adentrar na universidade pública. Foi graças a ele que pude me preparar adequadamente para os exames vestibulares e aprender muito além do conteúdo exigido, com aulas teóricas, atividades prática, aulas de yoga nos intervalos, discussões coletivas sobre pautas de saúde mental e questões sociais, palestras com coordenadores de cursos da UNICAMP, saraus coletivos feitos por professores e alunos, plantão de dúvidas aos sábados,

apoio psicológico com psicólogos e doação de livros e apostilas de diversos gêneros. Essa experiência me colocou em contato com uma educação diferente de todas as que tive no ensino regular, pois, apesar dos inúmeros conteúdos estudados, tínhamos uma educação contestadora, transformadora e amorosa, em que éramos vistos e tratados de maneira humana, como pessoas enfrentando não apenas uma prova de vestibular, mas diversas camadas de desigualdades históricas e sociais imputadas no exame e nas poucas vagas das universidades.

Para mim, o cursinho popular foi a experiência educacional mais impactante e transformadora que pude ter o contato de exercer. Diferentemente da educação privada ou “bancária” (como diria Paulo Freire), fui vista e ouvida como um sujeito de direitos e não apenas uma cliente ou um objeto. Eu ainda não sabia, mas estava inserida na prática freiriana da educação popular, que me mudaria eternamente, na teoria e na prática, como ser humano, como aluna e como educadora. Quando finalmente adentrei na universidade pública, pude entender melhor os sentidos mais profundos dessa experiência vivida, me apropriando dela de maneira mais teórica e consciente do que antes.

Na UFSCar campus Sorocaba, universidade que me acolheu como aluna, descobri novas faces do cursinho popular. Tive contato com o CEC (Cursinho Educação e Cidadania)¹, que me permitiu ter uma comunicação mais ampla com os educandos e educadores do projeto, entendendo suas lutas e resistências no projeto. Também, através da disciplina de “Educação Popular e Movimentos Sociais” pude, afinal, entender que o cursinho popular não representava apenas uma prática assistencialista ou se resumia a um projeto voluntário - ele também é *pedagogia* e um *movimento social*, com caráter político e emancipador. Fui me interessando cada vez mais por sua função social, entendendo-o como um arquétipo do papel que a universidade exerce na sociedade na formação crítica de jovens e adultos e do enfrentamento das desigualdades de acesso ao ensino superior, o que acabou aguçando meu desejo de estudá-lo mais profundamente.

Dessa forma, o presente Trabalho de Conclusão de Curso foi construído a partir desse percurso investigativo e tem como objetivo analisar o movimento dos cursinhos populares, por meio da reconstrução de sua história e de sua genealogia no estado de São Paulo, bem

¹ O CEC é um cursinho pré-universitário gratuito vinculado à UFSCar – campus Sorocaba, cujas aulas são ministradas por estudantes da própria universidade. Seu principal objetivo é oferecer uma formação crítica a jovens de baixa renda, oriundos da rede pública de ensino, contribuindo para a ampliação do acesso ao ensino superior que compreende a aprovação em vestibulares, no SISU, no PROUNI e em outros programas de ingresso como resultado desse processo formativo. O cursinho funciona dentro do espaço da própria universidade, permitindo uma comunicação aberta entre educandos do projeto e alunos da graduação.

como da identificação dos vínculos que os aproximam dos movimentos sociais e da pedagogia freiriana. A pesquisa possui abordagem qualitativa, buscando compreender a pedagogia produzida nesses espaços e analisar de que modo os cursinhos populares se constituem enquanto movimentos sociais de caráter educativo, articulando revisão bibliográfica sobre o tema e pesquisa de campo de relatos e vivências de militantes dos coletivos.

Para tanto, o estudo fundamenta-se na realização de entrevistas orientadas pela perspectiva da história oral com fundadores, coordenadores e professores de cursinhos populares da região de Campinas, no período compreendido entre 2000 e 2020. Participaram da pesquisa quatro sujeitos - dois homens brancos, graduados, e dois homens negros, sendo um graduando e outro *rapper* - cujos relatos possibilitaram a construção de um diálogo aprofundado sobre suas trajetórias, memórias e vivências nos coletivos de educação popular.

A pesquisa foi muito bem recebida por todos os envolvidos e trouxe reflexões muito pertinentes e generosas para o trabalho. Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas presencialmente, em datas previamente agendadas, a partir de um roteiro semi estruturado de perguntas, mas que ficou aberto para as falas de cada participante, possibilitando que cada um falassem livremente sobre suas trajetórias, experiências e percepções acerca da educação popular e da atuação dos cursinhos². Assim, os relatos foram conduzidos de forma aberta e colaborativa entre todos os sujeitos, favorecendo um processo de escuta sensível e de produção compartilhada do conhecimento, o que conferiu densidade às análises e evidenciou a potência política, formativa e esperançosa desses espaços, cujas experiências seguem marcando de maneira significativa minha trajetória como professora, estudante e sujeito social.

Dessa forma, a pesquisa teve como fundamentação teórico-metodológica em Paulo Freire (2013), precursor da educação popular no Brasil; Maria Glória Gohn (2011), cuja obra articula os movimentos sociais como produtores de saberes; Rebecca Tarlau (2014), que discute a relação entre pedagogia crítica e movimentos sociais; e cartas de princípios e práticas pedagógicas da Rede Emancipa. No último capítulo, apresentamos ainda uma análise de depoimentos anônimos de participantes de experiências de cursinhos populares em

² Reconhece-se como limitação da pesquisa o número restrito de sujeitos entrevistados e o recorte territorial, concentrado no município de Campinas, o que não permite generalizações para outras realidades.

Campinas, entre 2000 e 2020, de modo a exemplificar, por meio de vivências concretas, os elementos teóricos discutidos ao longo da pesquisa.

A organização do trabalho foi estruturada em três capítulos. No primeiro, discute-se o cursinho popular como movimento social, apresentando sua definição, seu surgimento no estado de São Paulo na década de 1960 e uma tipologia das modalidades existentes. No segundo capítulo, analisa-se a pedagogia crítica presente nesses espaços, compreendendo-os como movimentos sociais educativos que dialogam com o legado freiriano na construção de uma pedagogia emancipatória própria. Por fim, o terceiro capítulo dedica-se à análise das experiências de cursinhos populares na cidade de Campinas entre 2000 e 2020, articulando teoria e prática (*práxis*) por meio das entrevistas realizadas com militantes envolvidos nesses projetos.

Nesse sentido, espero ter contribuído, a partir do presente trabalho, com a reflexão sobre os cursinhos populares como experiência e campo próprio de estudos da Pedagogia. Além da importância que possuem na vida dos educandos, os cursinhos são essenciais para a sociedade em suas mais variadas camadas. É através deles que muitos jovens e adultos têm contato com uma educação gratuita de qualidade com uma característica pautada na criticidade, no diálogo, na escuta e no amor. No caso do presente TCC, buscou-se compreender, em especial, como eles atuam e se organizam como um movimento social, problematizando e disputando o caráter das universidades públicas e dos territórios periféricos em que estão inseridos, bem como contribuindo para a formação de sujeitos críticos e militantes, a partir de uma rede de solidariedade ativa que incentiva jovens periféricos a ocuparem o ensino superior público, com o objetivo de democratização e transformação social.

Além disso, buscou-se entender como os cursinhos possuem uma pedagogia própria, que vai além da memorização dos conteúdos para o vestibular. Trata-se de um ensino crítico com uma base política fundamental que possui múltiplas ressonâncias, como o enfrentamento do discurso neoliberal nas escolas e universidades. Os cursinhos possuem um ensino voltado para a coletividade que forma cidadãos engajados com a justiça social; é um movimento social voltado para o olhar o ser humano como um sujeito de direitos; é uma educação centrada no afeto, no diálogo, no amor e no respeito às individualidades, que entende que a educação só é possível por meio de uma base respeitosa e dialógica; e, por fim, é um

movimento que não apenas amplia a presença de jovens periféricos, mas também que os transforma com o desejo da mudança social, incluindo-os no cerne da discussão política.

Estudar a educação popular e o legado de Paulo Freire na pedagogia crítica foi, para mim, fundamental como educadora e como pessoa. O presente trabalho, além de ampliar minha visão sobre a relação da educação com os movimentos sociais, me fez entender que como pedagoga apenas o trabalho educativo é insuficiente para a transformação social, é preciso que haja luta social e coletiva para eliminar as opressões sociais. Espero que este trabalho possa contribuir para os estudos a respeito da educação popular e dos cursinhos populares, entendendo sua importância para o campo educacional e poder desenvolvê-lo em pesquisas futuras.

1. O CURSINHO POPULAR COMO MOVIMENTO SOCIAL NA HISTÓRIA

Os cursinhos populares se consolidaram como uma temática relativamente recente no campo da educação e das ciências humanas, a partir de um conjunto de estudos e pesquisas que investigam suas múltiplas dimensões, que vão desde sua gênese histórica no Brasil até seu funcionamento interno, suas práticas pedagógicas e seu impacto social.³

Segundo a definição de Mendes e Rufato (2015, p. 5), os cursinhos populares são “coletivos, grupos e entidades que questionam a ausência (ou melhor, a presença reduzida) de estudantes de periferia, negros e indígenas — cada vez mais identificados como oriundos de escolas públicas — nas universidades públicas”. Eles abarcam, assim, uma gama plural de agentes (estudantes, professores, educadores populares, ativistas, lideranças comunitárias) agrupados coletivamente com o intuito de enfrentar barreiras históricas, que ao longo do processo educacional brasileiro, têm excluído esses sujeitos dos espaços de saber acadêmico (Lima & Rufato, 2024). Desde as primeiras iniciativas (ainda incipientes e esparsas) documentadas pela literatura, os cursinhos se tornaram, ao longo do tempo, um agente sólido e importante nas lutas pela democratização do ensino superior, transformando-se em uma ponte entre a universidade pública e as populações marginalizadas. Atualmente, eles se destacam como iniciativas viáveis e transformadoras, que atuam coletivamente na realidade em que estão inseridos, uma vez que se fundamentam em uma pedagogia popular preocupada em fazer dos estudos preparatórios para a entrada na universidade uma ferramenta de luta (e não de disputa meritocrática) entre os estudantes.

Neste capítulo, farei um breve resgate histórico sobre a emergência e consolidação dos cursinhos populares nas regiões paulistas, explorando, em especial, a genealogia da definição de cursinho popular como um movimento social na história. A revisão bibliográfica apresentada a seguir servirá, por sua vez, de fundamento teórico para a análise empírica dos capítulos subsequentes.

³ Cf. Castro (2011), Pinheiro & Pereira (2024), De Castro (2012), Mendes & De Camargo Lima & De Andrade Rufato (2024), Mendes (2012), Mendes & Rufato (2015), Tavares Mendes & De Andrade Rufato (2024), Lanza *et al* (2022), Da Costa Aragão *et al* (2015), De Carvalho (2013), Lazarini & Di Pierro (2022) e Mendes (2009).

1.1. Como surgem os cursinhos populares? Um breve panorama histórico

Historicamente, os cursinhos populares surgem da luta popular pela democratização do acesso à universidade pública no Brasil. Seu contexto de origem remonta a três processos principais: 1) o surgimento e modernização das universidades públicas no Brasil no século XX; 2) o advento do vestibular como mecanismo de exclusão que controla o acesso às instituições de ensino superior; e 3) a emergência, a partir das décadas de 1950 e 1960, de iniciativas organizadas por entidades estudantis que buscavam preparar - de maneira voluntária e/ou militante - jovens para ultrapassar a barreira do vestibular e ingressar na universidade pública. A seguir, passarei em revista tal periodização histórica, demonstrando como a definição e afirmação dos cursinhos populares como um movimento social foi gradualmente forjada ao longo do tempo, em diferentes conjunturas sociais e políticas, especialmente entre os anos 1960 e 2000.

1.1.1. A origem dos cursinhos

A criação das universidades brasileiras foi a mais tardia das Américas, tendo sua primeira instituição sido criada apenas em 1920 (Mendes, Lima & Rufato, 2024). Até aquele momento, existiam conglomerados de Faculdades isoladas com cursos de Medicina, Engenharia, Direito, Filosofia, Teologia e Artes, responsáveis por formar quadros políticos, administrativos e religiosos durante o Brasil Colônia. As universidades no Brasil não apenas nasceram tardiamente, como carregam, em origem, uma marca fortemente elitista: um espaço exclusivamente voltado para a formação das classes dominantes, em detrimento das classes populares, que, por sua vez, mal conseguiam concluir o ensino secundário.⁴ Mesmo com os processos mais recentes de democratização do ensino superior (por meio das cotas sociais e raciais, por exemplo), tal traço se perpetua até hoje: apenas 4,5% da população brasileira ingressa no ensino posterior ao ensino médio, sendo a maioria das matrículas concentradas no

⁴ Em 1920, cerca de 71,2% da população brasileira de 5 anos ou mais era analfabeta (Ferreira e Carvalho, 2014).

ensino superior privado (Mendes & Rufato, 2024). As desigualdades na educação básica, o número limitado de vagas nas universidades e a falta de informação sobre as formas de acesso formam, assim, as principais barreiras para a admissão em universidades públicas prestigiadas.

O alto grau de dificuldade de acesso em universidades públicas no Brasil também se explica, historicamente, pela criação do vestibular.⁵ Criado em 1911, ele passou a ser critério de ingresso em 1915, tornando-se obrigatório em 1920, momento em que o número de candidatos superou o número de vagas disponíveis. A consolidação do vestibular como um mecanismo de exclusão foi o que propriamente motivou, por sua vez, o surgimento dos primeiros cursinhos - chamados de cursos de “revisão”, “preparatórios” ou “pré-vestibulares” - que tinham como intuito preparar estudantes para os exames seletivos. O caráter elitista das universidades públicas desde seu surgimento somada ao vestibular como critério de ingresso tornaram-se, assim, combustível para a eclosão de iniciativas e movimentos que buscaram organizar as demandas populares por acesso à educação gratuita e de qualidade no nível superior, dando origem aos cursinhos populares e sua pedagogia crítica.

Segundo Castro (2012), os cursinhos surgiram como uma iniciativa voluntária organizada inicialmente por grêmios estudantis, e seus professores eram, em sua maioria, estudantes universitários. A primeira experiência documentada é a do cursinho do Grêmio da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), mais conhecido como “Cursinho da Poli”, fundado em 1950. Em 1957, surge, contemporaneamente, a experiência do cursinho do Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira (CAASO), iniciado na USP de São Carlos. Ambos foram responsáveis por inaugurar uma prática de cursinhos nos anos 1950 (Castro, 2012).

Além disso, na década de 1960, surge uma variante - mais militante e diretamente política - de cursinhos, como foi o caso do cursinho do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP). Na época, a direção do Grêmio era composta por militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) - que contava com cerca de 500 militantes na FFLCH - e da Política Operária (POLOP). Nessa experiência, o cursinho

⁵ As chamadas “notas de corte” são um fator intimidante que, inclusive, leva estudantes de baixa renda a abandonar o sonho da universidade pública e a concorrer a uma vaga nas universidades privadas, por meio de bolsas e financiamentos estudantis (Mendes e Rufato, 2015). Observa-se, portanto, uma inversão, em que estudantes oriundos de escolas particulares ocupam ensino superior público enquanto os estudantes pobres oriundos das escolas públicas são direcionados ao ensino superior privado, favorecendo ainda mais o aprofundamento das desigualdades sociais.

funcionava não apenas como um “preparatório”, mas como uma área de influência de tais organizações políticas. Isso deu ao cursinho uma cara distinta, de esquerda, que priorizava a educação política e a formação de quadros militantes. Dada sua inclinação ideológica, o cursinho se organizava em torno do direito à educação e da defesa da universidade pública, havendo uma compreensão comum de que ele precisaria ser de qualidade e barato, bem como ter bolsas de estudos para contribuir para que os mais pobres tivessem possibilidades de acesso ao ensino superior.

A origem dos cursinhos está, portanto, localizada na história do movimento estudantil e de suas entidades representativas, que foram precursoras das primeiras iniciativas voltadas a preparar alunos para ingressar na universidade. Segundo a periodização de Castro (2012), pode-se dizer que a prática de cursinhos, até 1966, conformou uma espécie de “pré-história” do formato mais bem acabado que conhecemos hoje. Além disso, os anos 1970 representam um momento de transição e inflexão importante em sua trajetória, por dois motivos principais: por um lado, devido à expansão de cursinhos nas redes empresariais privadas nesse período e, por outro, devido a perseguição de entidades e militantes estudantis pela ditadura militar brasileira, o que impactou diretamente as experiências de cursinho até então em curso.

1.1.2. O impacto da ditadura militar brasileira

A partir da década de 1970, assistiu-se a um avanço dos cursinhos como projetos comerciais, que se utilizavam de técnicas repetitivas, voltados para a assimilação de conteúdos - práticas semelhantes ao conceito de “educação bancária”, usado por Paulo Freire, para designar o depósito dos conteúdos no aluno como se a educação fosse de ordem bancária e não crítica. Além disso, as próprias experiências iniciais promovidas de maneira voluntária por entidades estudantis passaram a sofrer pressão comercial e a cobrar mensalidade. O cursinho CAASO, por exemplo, deixa de ser gratuito e voluntário com a fundação do supletivo pela diretoria do CAASO nesse período (Castro, 2011). O mesmo processo de mercantilização também ocorre posteriormente com o Cursinho da Poli (Mendes, 2011). Apesar de não terem sido capturados e “desvirtualizados” pela comercialização, os cursinhos conduzidos por militantes também não saíram ilesos nesse período. O cursinho do Grêmio da

FFLCH-USP, por exemplo, foi fechado, dada a perseguição e repressão do regime militar às forças estudantis e organizações políticas de esquerda.⁶

Nesse sentido, pode-se dizer que a definição de cursinho *popular*, tal como empregada hoje - um agente coletivo que busca a democratização do ensino empenhando um tipo de educação crítica, comprometida com a emancipação e a mudança social - faz referência tanto ao sentido original das experiências inauguradas pelo movimento estudantil nas décadas de 1950 e 1960, como surge enquanto uma alternativa a esse novo modelo de cursinho comercial que passou a vigorar nos anos 1970.

A adoção do termo “popular” aprofundou, assim, o caráter e o sentido da atuação dos cursinhos inicialmente denominados apenas como “preparatórios” ou “pré-vestibulares”. Por um lado, o termo reforça a ideia de oposição à lógica mercadológica dos cursinhos comerciais privados, advogando por mensalidades de baixo e zero custo, de forma a contemplar estudantes periféricos, pretos e pardos, de escola pública e de baixa renda que não têm condições de pagar as mensalidades do cursinho privado (Mendes & Rufato, 2024). Por outro, ele assinala um alinhamento e pertencimento político dos cursinhos à tradição democrática dos movimentos sociais brasileiros que emergiram no país no pré e pós-ditadura militar. Nesse sentido, para além da relação direta dos cursinhos com os grêmios estudantis e organizações político-partidárias da esquerda marxista, vale destacar que o adjetivo “popular” contido nessa definição de cursinho possui vínculos com a noção de “educação de massas” e com as práticas e métodos difundidas tanto pelo Centro Popular de Cultura da UNE (CPC-UNE) quanto por Paulo Freire, que estavam em alta circulação nesse momento (Castro, 2012).

Em meio ao cerceamento da militância estudantil pela ditadura militar e à transformação de caráter dos cursinhos em comerciais, o campo da cultura popular foi, inclusive, o que permitiu preservar uma prática de educação crítica e emancipadora tanto quanto reorganizar as forças da militância progressista (dada a derrota dos setores da luta armada e estrangulamento da margem de atuação da esquerda marxista tradicional). Como

⁶ De acordo com Castro (2011), apesar do fechamento do Grêmio da FFLCH, novos cursinhos surgiram, como o Cursinho Pré-USP, localizado na rua Conselheiro Carrão, e o Cursinho das Rosas, no bairro da Praça da Árvore, na cidade de São Paulo. Ainda que seguissem com o mesmo objetivo de antes, eles tiveram que assumir um caráter mais discreto, ficando longe do espaço universitário, dada a ameaça de perseguição. Ambos continuaram intimamente ligados às práticas de ações sociais de militantes ligados ao PCB, à POLOP e ao movimento estudantil. Muitos desses estudantes e professores foram presos e mortos pelo regime autoritário que vigorava no Brasil por serem contrários aos ideais propostos. Os professores e alunos que não se aliaram à luta armada ou foram presos criaram o Colégio Equipe que proporcionou formação de qualidade e trabalho a muitos ex-presos e perseguidos que não tinham perspectivas de futuro.

resgata Castro (2012), além da experiência dos movimentos de alfabetização freirianos, os setores da Igreja Católica imbuídos da Teologia da Libertação e da pedagogia das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) representaram o embrião de uma *práxis* dos movimentos sociais que formariam o campo das lutas nos anos 1980 e as bases populares para a retomada da democracia no país, servindo como espaços de solidariedade e socialização política, enraizada nos territórios e periferias.

Eles foram responsáveis em desafiar as estruturas que sustentavam o regime autoritário, o que deu nova dinâmica à história e às práticas dos movimentos sociais no Brasil, pois passaram a construir e a valorizar a autonomia e as identidades dos movimentos, abrindo espaço para “constelações de lutas” que se encontravam aprisionadas no imaginário social das classes populares do país. Entre essas lutas consteladas elencamos a luta pela moradia, saúde e saneamento básico, reforma agrária, transporte público, educação de qualidade, educação popular, luta ambiental, igualdade racial e, finalmente, a luta pela democratização do acesso à universidade pública, que tem no movimento dos cursinhos alternativos e populares um dos importantes sujeitos coletivos (Castro, 2012).

Os cursinhos populares que têm a educação popular como eixo de atuação hoje possuem especial referência nessa concepção e experiência histórica de militância política. Tal vínculo demonstra como a concepção de cursinho popular se conformou a partir de diálogos entre a militância do movimento estudantil, de organizações políticas de esquerda e do movimento popular e territorial, em suas visões sobre a luta pelo direito à educação, o papel da universidade e sua relação com a sociedade e a democracia brasileira.

1.1.3. Redemocratização e neoliberalismo

O caldo político formado nos anos 1980 não apenas deu vitalidade à esquerda - com uma linguagem, temas e valores populares (Eder, 1988) -, como permitiu a retomada dos cursinhos, em um novo contexto e com novas questões. É nesse momento que a força do movimento negro, por exemplo, começa a implacar e acentuar no movimento de cursinhos o debate sobre a ausência da negritude nos ambientes universitários (algo que o movimento estudantil e a esquerda tradicional na universidade não havia encarado até então). Isso foi

fundamental para a constituição de novas iniciativas nos anos 1990 - como o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) no Rio de Janeiro, o Cursinho do Núcleo de Consciência Negra da USP, a Educação para Afrodescendentes e Carentes (EDUCAFRO) e a União de Núcleos de Educação Popular para Negras(os) de Classe Trabalhadora (UNEafro)⁷ - que seriam cruciais para o debate e conquista das cotas raciais nos anos 2000.

Os anos 1990 e 2000 representam, assim, uma nova inflexão na história dos cursinhos populares. Se os anos 1950-1960 foram sua “pré-história”, e os anos 1970-1980 um momento de transição e abertura de novas questões, as décadas seguintes representam o período em que há definitivamente a consolidação dos cursinhos como um campo próprio.

Além da linhagem de cursinhos vinculados ao movimento negro que se fortaleceram e consolidaram nos anos 1990, há também a retomada de iniciativas protagonizadas pelo movimento estudantil e suas entidades, em um novo contexto: não mais o da ditadura militar, mas o do pós-redemocratização e do neoliberalismo no Brasil.

No início dos anos 1990, o processo de *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo reacendeu o movimento de massa no Brasil e, em particular, o movimento estudantil. Se a ditadura militar havia radicalizado estudantes na luta armada e pelas *Diretas Já!*, o *Fora Collor!* forjou uma nova camada de jovens de volta para a rua. A indignação dos estudantes, somada à sua criatividade durante as manifestações, levou à mídia a batizar o movimento como “caras pintadas”. Ele foi responsável por colocar novamente o movimento estudantil no espaço da ação política nacional (Castro, 2011).

Nesse momento, o cursinho ressurgiu como uma ferramenta para disputar o próprio movimento estudantil para uma política mais ampla e de massas. Ou seja, aqui nota-se uma questão que acompanha as disputas em torno do sentido e significado dos cursinhos: afinal, seu papel é aliar o trabalho social à educação política, captação e formação de quadros das organizações que a dirigem (como foi o caso do cursinho militante do Grêmio da FFLCH dirigido pelo PCB e POLOP) ou eles se pretendem um movimento autônomo, que entendem a

⁷ Segundo Castro (2011), a criação da UNEafro surge como uma cisão da EDUCAFRO, representativa da divisão do movimento negro em dois campos: de um lado, o campo negro-eclesial (que valorizava o espaço eclesial como meio irradiador para o desenvolvimento do movimento dos pré-vestibulares populares) e, de outro, o campo gramsciano ou amplo (que valorizava a autonomia, a institucionalização formal e a busca por novas formas de gestão democrática). A EDUCAFRO, sob a liderança de Frei David e dos Agentes Pastorais Negros (APN's) guarda influências dos campos progressistas da Igreja Católica que colocaram a questão racial na agenda clerical. Já a UNEafro atua como um movimento social disposto a romper com o assistencialismo detectado no movimento anterior. Tendo como eixo norteador a educação popular dirigida pela luta antirracista, seu foco é urbano, priorizando a auto-organização das comunidades populares, sendo dirigido pelo povo que constrói o cotidiano.

importância da ação estudantil fora da universidade, isto é, *na e para* a sociedade? Como resgata Castro (2011), um setor do movimento estudantil buscou adotar “a prática de incentivar a construção de cursinhos pré-vestibular voltados à população de baixa renda oriundos da escola pública, nos moldes do Cursinho da Poli que, naquele momento, era a referência de, praticamente, todas as experiências de pré-vestibular não comercial que emergiram”, com o objetivo de construir uma pauta mais ampla para a UNE (União Nacional dos Estudantes) e UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas).

Outra experiência que emergiu nos anos 1990, em linha com a tradição uspiana de cursinhos, foi o Curso de Apoio ao Estudante (CAPE), iniciativa conduzida por estudantes de diferentes cursos da USP em Ribeirão Preto. Sua singularidade, em relação a outras experiências, reside na gratuidade, no trabalho voluntário e na participação democrática, que consolidou uma cultura não-hierarquizada, na qual tanto alunos como professores tinham direito ao voto. Sua sede também foi cedida pela gestão do campus da própria universidade, e ele tinha como projeto inicial a alfabetização, que posteriormente também se desdobrou no trabalho de acesso ao ensino superior. Apesar de ter sofrido, com o tempo, uma descaracterização que modificou sua concepção inicial e princípios⁸, a experiência do CAPE perpetuou outros exemplos de práticas populares: o Conexão (racha do CAPE), o Projeto Educacional Interdisciplinar Comunitário (PEIC) e o Núcleo de Apoio ao Vestibular (NAV).⁹

Além disso, nesse período, a experiência dos cursinhos se expandiu para outras universidades estaduais paulistas, para além da USP. Esse foi o caso do Cursinho Ideal da UNESP (Universidade Estadual Paulista) e o cursinho do DCE da UNICAMP.

O Cursinho Ideal nasceu de uma assembléia geral de estudantes convocada pelo Diretório Acadêmico 3 de Maio. Essa experiência se diferencia por contar com uma prova de conhecimentos para a seleção de alunos (como instrumento de aferição sobre o estágio que estaria o estudante ao ingressar no projeto) e uma entrevista socioeconômica que tinha um

⁸ Isso denota uma contradição permanente dos cursinhos populares: permanecer herdeiros das forças progressistas que lutaram pela democratização do país na luta por uma educação popular e democrática ou render-se às pressões neoliberais e comerciais. Como resgata Castro (2011), o cursinho se tornou um empreendimento e foi apropriado por grupos conservadores da região.

⁹ O Conexão surge com uma metodologia para trabalhadores, libertando-se das amarras do conhecimento acadêmico e integrando o conhecimento popular, fazendo uma interface com o científico universitário. Já o PEIC nasceu em 2003, ligado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto (FFCLRP) e tinha como objetivo o trabalho educativo com alunos de baixa renda oriundos da escola pública, considerando a experiência do CAPE imprescindível para a elaboração dessa ação. Por fim, o NAV que tratava-se de uma experiência construída também em 2003 por um grupo de jovens da Pastoral da Juventude na cidade de Ribeirão Preto que decidiram fazer um trabalho em prol da juventude, formando assim, o cursinho pré-vestibular (Castro, 2011).

caráter eliminatório, buscando garantir a equidade social. Essa diferenciação, por sua vez, reforçou a compreensão dos cursinhos populares como “constituídos por sujeitos e agentes que vivem nas cidades, com seus mais agudos problemas, oriundos das desigualdades produzidas nos espaços da produção e expressas (especializando-se) nos territórios do cotidiano das classes populares” (Castro, 2011, p. 175).

Já o cursinho do DCE da UNICAMP surge como uma iniciativa da gestão Identidade, de oposição ao Diretório Central de Estudantes da Unicamp, eleita em 1994, na esteira do movimento *Fora Collor!*. Entre as pautas da agenda do diretório estavam a retomada da Casa de Cultura dos Estudantes e a constituição de um cursinho preparatório para o vestibular, voltado para estudantes oriundos de escolas públicas. Dada a indisposição da reitoria em apoiar a iniciativa, o DCE buscou apoio das entidades de representação de docentes e servidores da universidade (ADUNICAMP e STU), bem como da própria população campineira, com projetos de divulgação na imprensa local da cidade, tendo, no fim da primeira semana de divulgação, quinhentas pré-inscrições no cursinho. Como apontado por Castro (2011), essa tática de exteriorizar a disputa por meio de comunicação na imprensa para a população - que é de fato quem financia o ensino público e que ainda sofre com o filtro desigual do vestibular - foi fundamental para a tomada de autonomia do projeto, já que, com o montante das pré-inscrições, era quase impossível não continuar com o cursinho. No entanto, em 2001, o projeto dos estudantes foi apropriado por projetos individuais e transformou-se em cursinho comercial. Porém, sua experiência possibilitou a criação de outros cursinhos populares na cidade, como por exemplo o Cursinho Alternativo Herbert de Souza (fundado em 1997 e formado por ex-estudantes do Cursinho do DCE), atuante até os dias atuais como símbolo de luta na cidade de Campinas e bastante conhecido pela população. A experiência do Cursinho da Moradia dos Estudantes da Unicamp e o Coletivo de Cursinhos Populares de Campinas também são importantes de serem citados como posteriores ao trabalho educativo inicial do Cursinho DCE da UNICAMP.

Derivada da experiência da UNICAMP e do conjunto de iniciativas emergentes nos anos 1990, surge a formação do Movimento dos Sem Universidade (MSU) nos anos 2000. Segundo Castro (2011),

Inspirados na práxis do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, eles entendem a estrutura e as formas de acesso às universidades públicas no Brasil como um verdadeiro latifúndio que tem no exame vestibular a representação da cerca que impede o acesso da população mais precarizada à universidade.

O MSU nasce, assim, da busca por inclusão dos “sem universidade” em diferentes espaços e campos de luta. Ele protagonizou mobilizações em defesa de um projeto apresentado à Câmara Municipal de São Paulo para a criação da Universidade Popular nos espaços de antigo funcionamento do presídio do Carandiru e a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM), sob o entendimento de que uma sociedade democrática só pode ser construída a medida em que a construção de escolas é maior do que a construção de presídios. Nesse sentido, o movimento defendia que tais espaços - geralmente lembrados pelas formas desumanas de funcionamento - deveriam ser transformados em universidades populares, com o acesso livre a todos que quisessem participar do ensino superior. Além disso, o movimento teve relevância nas decisões das políticas de acesso ao ensino superior braileiro com a participação de comissões na Secretaria Nacional de Ensino Superior do Ministério da Educação e também no Ministério da Justiça, junto com outras representações, como a EDUCAFRO e o PVNC (Castro, 2011).

Além do MSU, outra experiência que elevou qualitativamente os cursinhos de iniciativas localizadas, municipais ou isoladas para um movimento social nacional (e internacional), foi a Rede Emancipa. Nascida em 2007, originalmente de um racha do Cursinho da Poli USP (após sua coordenação adotar a cobrança de mensalidades), ela abriu sua primeira unidade na periferia de São Paulo, em Itapevi¹⁰. Ao longo de quase vinte anos de existência, a Rede se nacionalizou e passou a congregiar cursinhos em SP, RJ, PA, RS, MG, DF, RN, BA, CE, PR, e internacionalmente, com trabalho no continente africano. Além disso, hoje ela comporta um guarda-chuva plural de frentes e iniciativas, que vão desde os cursinhos pré-universitários e pré-técnicos a educação no cárcere, formação feminista e antirracista, núcleos de saúde mental, solidariedade ativa, EJA, além de uma universidade popular (a Universidade Emancipa).

Nesse sentido, de um cursinho popular, a Rede Emancipa passou a se auto compreender como um movimento social de educação popular. Ela considera como seus construtores todos os agentes sociais que organizam, constroem e executam os cursinhos

¹⁰ “Era um dia de inverno, clima seco, sol durante o dia e frio ao finalzinho da tarde e de noite... Um grupo de jovens se reúne numa padaria no centro da cidade. Eram em sua maioria estudantes universitários, mas havia também alguns professores, todos preocupados com a educação dos jovens da periferia. Como podia, numa cidade tão populosa como Itapevi, na periferia da Grande São Paulo, com tantos jovens, não haver nenhum projeto de educação popular para além do ensino básico? No meio de devaneios e sonhos, inspirados pela discussão em curso sobre a formação da Rede Emancipa de cursinhos populares, fomos instigados a fazer nossa primeira experiência de um cursinho pré-universitário” (Talina Chaves e Alex da Mata, Revista Emancipa 10 anos).

populares no cotidiano. A base social que fundamenta o movimento é composta por educadores, militantes (com vínculo partidário ou não)¹¹, alunos, ex-alunos, mães, lideranças comunitárias, comprometidos com a luta pelo direito à educação. Todos os coordenadores e educadores envolvidos na Rede são militantes voluntários - sendo que muitos ex-alunos acabam se tornando coordenadores e ativistas ligados à diferentes movimentos sociais. Os espaços em que acontecem as atividades cotidianas são escolas, sindicatos, igrejas, praças públicas e universidades com um sistema de educação gratuito e para todos.

1.2. A tipologia dos cursinhos

Em suma, conseguimos identificar três ciclos na trajetória dos cursinhos populares: o primeiro, entre as décadas de 1950 e 1970, marcado pela emergência vinculada ao movimento estudantil e pelo autoritarismo causado pela ditadura militar; o segundo, nos anos 1980 e 1990, quando a redemocratização, as lutas populares e o fortalecimento do movimento negro ampliaram e diversificaram as iniciativas dos coletivos; e o terceiro, a partir dos anos 2000, quando os cursinhos populares se consolidam como campo próprio e passam a se constituir também enquanto movimento social de educação popular, com destaque para experiências como o MSU, a EDUCAFRO, a UNEafro e a Rede Emancipa, que atuam e se intitulam como movimentos sociais.

Em meio a esses ciclos históricos, podemos identificar que o campo dos cursinhos não é homogêneo ou monolítico, contando com diferentes disputas políticas e pedagógicas. Ao passo que se opõem ao mercado e lutam pela democratização da educação pública e de qualidade, os cursinhos podem assumir diferentes formatos, estando mais ou menos enraizados nos territórios periféricos e conectados com as lutas sociais, tendo um caráter mais diretamente político-militante ou voluntarista, optando por cobrar ou não mensalidades de baixo custo para o seu custeio. Com o intuito de facilitar a apreensão de tais variações, apresento uma tipologia, conforme o quadro a seguir:

¹¹ Parte dos fundadores da Rede Emancipa possuem vínculo com Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), em especial, na corrente interna Movimento Esquerda Socialista (MES).

Quadro 1 - Tipologia dos cursinhos

TIPOS DE CURSINHO	CARACTERÍSTICAS
Cursinho Comercial	Voltado para a preparação para exames vestibulares, segundo a lógica do mercado e da educação bancária. São mantidos através do pagamento de mensalidades pelos estudantes.
Cursinho Militante	Voltado para a preparação para vestibulares com um viés político-ideológico e partidário, buscando a transformação social através da educação. São gratuitos e mantidos pelo trabalho de ativistas e militantes de organizações políticas (coletivos, entidades, partidos), muitas vezes funcionando como área de influência de tais organizações.
Cursinho Popular	Voltado para a preparação de exames vestibulares com foco na democratização da universidade pública e na transformação social, apostando na educação popular como trabalho de base e territorialização. São mantidos pelo trabalho de ativistas e militantes com foco nas periferias e sua autonomia política sem necessariamente manter um trabalho político partidário.
Cursinho Voluntário	Voltado para a preparação para exames

	<p>vestibulares, com a inclusão de estudantes de baixa renda. São mantidos por voluntários em espaços como escolas, universidades públicas, ONGs, institutos federais, com baixo custo ou simbólico para estudantes, sem ter necessariamente a pretensão direta de atuar no cenário político.</p>
--	---

1.2.1. O cursinho como movimento social

Dentre as disputas político-pedagógicas mais importantes que conformam a definição de um cursinho popular como movimento social está a forma como ele pensa sua atuação no território em que está inserido, e o quanto ela impacta não apenas a trajetória dos estudantes como a vida social e política do país. Isso se deve graças à própria forma como o cursinho se organiza enquanto espaço pedagógico, de forma horizontal e dialógica, construindo vínculos e se valendo de métodos próprios da tradição dos movimentos sociais e da educação popular. Os encontros nos quais são discutidas as concepções político-pedagógicas costumam acontecer em territórios periféricos ou em instituições educacionais públicas (como escolas e universidades), de maneira coletiva e compartilhada entre coordenadores, educadores e educandos (Mendes & Rufato, 2024). As atividades, além de desempenhar um papel pedagógico, são, sobretudo, políticas e cidadãs, articulando o conteúdo das aulas com a participação em manifestações, grêmios estudantis e debates sobre direitos sociais, culturais, de território e de políticas públicas. Elas têm como intuito fortalecer a consciência crítica e participação política, formando sujeitos que se reconhecem na luta coletiva e que transformam o meio social para além da mera memorização de conteúdos.

Com base nessa recuperação histórica e tipológica, iremos destrinchar, a seguir, as características dessa pedagogia própria elaborada no interior do movimento de cursinhos populares (entendendo como suas práticas educacionais fundamentam sua ação enquanto um

movimento social) e analisar como ela se dá na prática, a partir da experiência e história do movimento de cursinhos populares em Campinas.

2. A PEDAGOGIA CRÍTICA DOS CURSINHOS POPULARES

Os cursinhos populares, como vimos anteriormente, se consolidaram como uma importante temática nas pesquisas de educação popular, na medida em que realizam uma pedagogia para as massas, com uma visão emancipatória e transformadora, e lutam pela democratização do ensino. Neste capítulo, busco caracterizar os cursinhos populares a partir de sua pedagogia. Para tal, me fundamento nas obras de Freire (2013), Tarlau (2014) e Gohn (2011) a fim de explorar os vínculos entre cursinhos populares, pedagogia freireana e a relação entre a educação e movimentos sociais, entendidos como espaços pedagógicos e de produção de saberes.

2.1. A pedagogia dos cursinhos

Uma das reflexões que motivaram este trabalho foi compreender como os cursinhos populares podem ser considerados espaços de educação. Contrariando a visão presente no senso comum, que os associa ao assistencialismo, os cursinhos populares configuram-se como ambientes educacionais legítimos, com pedagogia própria, crítica e emancipadora. Essa pedagogia possui forte inspiração nos princípios da educação popular propostas por Paulo Freire, que entende a educação como uma prática de liberdade e como instrumento de transformação social, pautada na práxis - ação e reflexão.

Apesar de existirem uma variedade de modalidades e formas de organização dos cursinhos, buscaremos aqui ressaltar a pedagogia dos cursinhos que têm um caráter popular, militante e transformador, e que se auto compreendem e se organizam como um movimento social, como é o caso da Rede Emancipa. Além de se diferenciarem das práticas educacionais dos cursinhos privados - que mantém o discurso da meritocracia, da reprodução das injustiças e da educação como mercadoria que lucra com as desigualdades no acesso ao ensino superior -, seu ideal de educação está voltado para a educação como direito, pré-universitária - que

prepara o sujeito para a universidade em detrimento do vestibular - gratuita, crítica e militante, apostando num projeto de organização coletiva como saída (Revista 10 anos Emancipa p. 11-13). Assim, para lidar com o questionamento que lhe deu origem - por que quem mora na periferia e estudou a vida inteira em escola pública, não passa na universidade? - os cursinhos organizam uma rede de educadores, coordenadores e militantes que trabalham com os educandos, construindo com eles três tarefas principais que são desenvolvidas durante sua permanência no cursinho: 1) compreender o vestibular como um mecanismo de exclusão social (de modo a desconstruir o discurso meritocrático que acaba colocando o sucesso ou não de passar na prova como algo meramente individual); 2) auxiliar cada aluno individualmente a construir um projeto pessoal de estudos para entrar na universidade; 3) discutir coletivamente a importância da organização política e da solidariedade, entendendo que só é possível realmente superar a barreira do vestibular por meio da luta social, da organização política e de um projeto coletivo.

Tais cursinhos partem, portanto, do princípio de que educar é um ato político. Isto significa que sua prática educativa é conduzida para a formação de sujeitos críticos, autônomos e comprometidos com a transformação social, para além de uma formação conteudista preparatória para o vestibular. Com base no discurso freiriano, o cursinho opõem-se ao modelo bancário de educação - em que o educando recebe informações passivamente para adotar uma visão de mundo emancipatória e crítica da sociedade (Freire, 2013, p. 80) - e se afirma como um território de formação política e humana, organizando-se com base em relações horizontais, pautadas no diálogo e na participação coletiva, nas quais educadores, educandos e coordenadores constroem coletivamente o processo educativo, valorizando as experiências, vivências e saberes de cada sujeito envolvido (Proposta de Organização Rede Emancipa).

Uma das práticas realizadas dentro da Rede Emancipa que fundamentam essa concepção pedagógica são os chamados *Círculos Emancipa*, resgatados da experiência freiriana dos Círculos de Cultura. Mendes e Rufato (2024, p. 20) destacam-os como espaços que promovem debates sobre temas diversos, de maneira complementar às aulas regulares na grade dos cursinhos. Conduzidos de forma horizontal por educadores, educandos e coordenadores, seu objetivo principal é contextualizar o cursinho dentro de um cenário social mais amplo, permitindo que o conhecimento seja construído de forma coletiva e crítica. Tal

prática concretiza o princípio freireano do diálogo como caminho para a conscientização, pois estimula a reflexão sobre o cotidiano e fortalece o engajamento político dos participantes.¹²

Ao priorizar as vivências dos sujeitos, essa pedagogia está profundamente vinculada à realidade social e territorial dos espaços em que se inserem, uma vez que compreende que a luta por educação não pode ser dissociada das lutas por moradia, cultura, transporte, direitos e dignidade. Assim, os cursinhos assumem também o papel de espaços comunitários, articulando-se com as demandas das periferias urbanas e com os movimentos sociais que nela atuam, transformando a realidade da comunidade (Proposta de Organização Rede Emancipa).

Nessa perspectiva, a formação militante é um importante componente de sua característica, pois compreende o espaço educativo como um ponto de entrada para novos sujeitos entenderem o papel da classe trabalhadora e engajarem-se nas lutas coletivas. O educando, nesse processo, é reconhecido não apenas como alguém que busca o acesso à universidade, mas como um sujeito político em formação, capaz de desenvolver consciência crítica sobre sua realidade e atuar como agente de transformação social.

“Os cursinhos buscam uma educação que proporcione à classe trabalhadora um saber que seja instrumento de luta, para que estes estudantes se reconheçam como sujeitos históricos, ativos, reflexivos e capazes de transformar sua realidade. Desse modo, articulam-se com as comunidades rurais e urbanas, escolas e associações das cidades, buscando a construção de uma relação dialógica entre conhecimento científico e popular, enfatizando a valorização dos saberes populares e das culturas locais, regionais e valorizando a história de cada povo” (De Carvalho, 2013, p. 79).

Nesse sentido, a prática do *Tempo Livre* realizada pela Rede Emancipa exemplifica essa característica pedagógica. Essa proposta buscou reservar parte da rotina do cursinho para atividades livres, voltadas à expressão cultural, artística e política dos estudantes, com atividades que incluíam saraus, batalhas de rimas, campeonatos esportivos, produção de fanzines, apresentações musicais e teatrais, entre outras. A experiência do Tempo Livre, em 2013, influenciou na diminuição da evasão dos estudantes do coletivo, pois surgiram como um “respiro” às exposições cansativas das aulas - geralmente aos sábados em tempo integral - e puderam ampliar as relações entre educadores e educandos, possibilitando um espaço de socialização entre esses, fortalecendo a própria organização do cursinho popular, ajudando-os a entenderem seu papel como indivíduos e como participantes de um coletivo dentro de um movimento social (Tavares Mendes e De Andrade Rufato, 2024, p. 20-21).

¹² Em diversas unidades da Rede Emancipa, discussões sobre o direito à cidade, que problematizaram as taxas abusivas de transporte público e a falta de acesso à cultura nas periferias, culminaram, por exemplo, na presença ativa de membros de educadores e educandos nas Jornadas de Junho de 2013. O mesmo aconteceu com a temática das cotas sociais e raciais.

Dessa forma, a pedagogia dos cursinhos configura-se como uma pedagogia da emancipação, construída a partir dos princípios da solidariedade, do coletivismo, da autonomia e da coerência entre discurso e prática. Ensinar torna-se um ato de resistência e de construção de uma nova sociedade, orientado pelo compromisso com a justiça social e com a transformação das condições de vida da classe trabalhadora (Proposta de Organização Rede Emancipa).

Atualmente, a luta dos cursinhos populares amplia sua modalidade para a atuação em diferentes áreas. Mendes, Lima e Rufato (2024) apresentam um conjunto de experiências que exemplificam as pedagogias críticas desenvolvidas pelos cursinhos, as quais desafiam o sistema capitalista e conservador e constroem caminhos de justiça social e igualdade. Entre elas, destacam-se as pedagogias feminista, quilombista, do diálogo, das diferenças, internacionalista, da contestação e do cuidado — expressas em ações, produções artísticas, cursos e projetos voltados para temas como gênero, raça, diversidade, direitos humanos e solidariedade, buscando uma sociedade menos violenta e mais equitativa, construindo e promovendo resistência e afirmando que a educação popular é uma força transformadora na busca pela emancipação dos oprimidos.

2.2. Cursinho como forma de educação popular

Os cursinhos populares são, nesse sentido, uma forma de educação popular.¹³ Eles expandem os métodos e princípios da educação problematizadora iniciada no movimento de alfabetização e educação de jovens e adultos nos anos 1960 para a luta pela democratização do ensino superior, sendo frequentemente associados e amparados no trabalho de um dos mais importantes pedagogos e filósofos brasileiro: Paulo Freire.

Na concepção freiriana, a educação popular é definida como o ensino *com* o povo¹⁴. Isso quer dizer que ninguém pode educar o outro e nem a si mesmo - todos se educam juntos, quando educam. Ou seja, ela acontece sempre dentro de um coletivo e de forma coletiva, em

¹³ A educação popular é amplamente considerada um tópico de bastante importância no campo da educação. Ela se legitimou como um objeto de estudos específico no interior da Pedagogia, gerando um universo vasto e frutífero de pesquisas e práticas pedagógicas. Cf. Gadotti (2007), Brandão (1984), Osmar Fávero (2016) e bell hooks (1994).

¹⁴ “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2013, p. 95-96).

constante diálogo com o outro, envolvendo escuta e escolhas sobre ele. Além de ser realizada em comunhão e com alteridade, a educação popular é uma prática sustentada pela criticidade e por uma epistemologia do amor, desestabilizando saberes, hierarquias, espaços, identidades fixas (quem é “professor” e “aluno”, “dirigente” e “base”, “saber escolar” e “saber popular”, “escola” e “comunidade”).

“Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2013, p. 95-96).

Além disso, ela é mediada pela realidade concreta do povo e problematizadora desta realidade, promovendo a transformação desta e conseqüentemente, à emancipação humana (Baalbaki & Nascimento, 2021). Em sua ação, ela atua na compreensão e combate das estruturas de exclusão social que negam à classe trabalhadora melhores oportunidades de existência, valorizando os saberes populares, entendidos como igualmente legítimos nos processos educacionais e políticos. Nas palavras de Freire,

A Educação Popular está relacionada, em um primeiro momento, com a educação das classes populares. [...] O grande objetivo da educação popular está exatamente em atender os interesses das classes populares que há quinhentos anos estão sendo negados. De um modo mais radical, a Educação Popular significa, para mim, caminhos, isto é, o caminho no campo do conhecimento e o caminho no campo político, através dos quais amanhã — e aí vem a utopia — as classes populares encontrem o poder (Freire, 2018, p. 207-8 *apud* Costa, 2023, p. 334).

Por isso, na visão freiriana, a educação popular é também política. Enquanto uma prática libertadora, ela visa não apenas despertar consciência crítica e promover dignidade humana (“humanizar em um mundo de desumanização”), como propriamente capacitar as classes populares para o exercício do poder, tornando-as agentes e protagonistas da mudança social. Nesse sentido, a educação popular é uma perspectiva político-pedagógica que conscientiza tanto quanto organiza as pessoas, de forma que ela não existe fora dos processos de luta popular (Peloso, 2012, p. 9-10).

[Freire] entendia a educação popular como aquela que não me muda para que eu me torne melhor do que os outros, acima dos outros, mas aquela que me muda para melhorar o mundo para todos os outros. Não se trata de me instruir para me vender

melhor no mercado e me pôr acima dos outros, como deseja a educação bancária. Trata-se de me formar para estar mais bem preparado para que o mundo seja um lugar melhor para todos. Não só para mim (Gadotti, 2023, p. 43).

Assim, mais do que um método, ela é uma prática, que soma utopia, ciência e cultura popular. Para Freire, não basta *querer* mudar, mas *saber* mudar a sociedade - e isso só é possível com ciência, consciência, humildade, criatividade e coragem.¹⁵ Quem escolhe a profissão de educador (na qualidade de intelectual orgânico e engajado, movido pelo desejo de mudança social) se prepara para esse processo de conscientização, emancipação e transformação social como ninguém, aprendendo "na prática e na reflexão sobre a prática" com o povo.¹⁶

Fruto de um período repressivo, autoritário e de ataque às coletividades como foi a ditadura militar brasileira, a educação popular freiriana encontrou uma força expressiva entre educadores, estudantes e membros da comunidade católica com o objetivo de promover trabalho de base e participação popular no debate político. Ela se tornou uma tradição pedagógica e militante dando base para muitos projetos educacionais de caráter popular, que têm dado continuidade à prática iniciada por Freire com o objetivo de criar conscientização política e fortalecer a luta e resistência populares pela democratização do ensino público. Esse é o caso dos cursinhos populares que se constituem na luta pela democratização e da justiça social, com uma organização coletiva e autogerida, através do diálogo e da práxis.

A educação popular serve como o princípio norteador da proposta político-pedagógica e organizacional dos cursinhos, uma vez que tem como objetivo central o desenvolvimento da cidadania e participação social dos educandos. Nesse sentido, como vimos anteriormente, a educação popular não existe fora dos processos de luta popular, e os cursinhos se constituem justamente na luta pela democratização e justiça social, por meio de uma organização coletiva e autogerida, pautada no diálogo e na práxis, desconsiderando o modelo bancário de educação e adotando a postura de educação problematizadora. Retomando a prática freireana de educação popular, os cursinhos populares se dedicam ao ensino dos oprimidos, isto é, dos sujeitos periféricos que tiveram o acesso básico à educação formal negado ou negligenciado.

¹⁵ “A transformação se faz com ciência, com consciência, bom senso, humildade, criatividade e coragem. [...] O voluntarismo nunca fez revolução em canto nenhum. Nem espontaneísmo tampouco. Implica em *com-vivência* com as massas populares e não distância delas”. (Paulo Freire, Como Trabalhar com o Povo, 1983)

¹⁶ “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. (Paulo Freire, A Educação na Cidade, 1991)

Dessa forma, como pontua Aragão *et al*, 2015, p. 87, o cursinho popular se integra à educação popular pois é um processo de capacitação, formação e gestão inserido em uma dimensão política de classe. Trata-se de uma prática que emerge da ação organizada do povo e que se desenvolve de forma contínua, sistemática e reflexiva que tem como princípio a aprendizagem a partir da vivência concreta dos sujeitos, possibilitando que o conhecimento adquirido seja colocado a serviço da mudança coletiva. É, portanto, com essa orientação que o movimento dos cursinhos populares se expandiu pelo país, configurando-se como uma iniciativa de base, protagonizada pela própria juventude, comprometida com a democratização do ensino superior e com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Da mesma forma, os cursinhos populares se opõem ao modelo bancário de educação, amplamente criticada por Freire, ao romperem com a ideia mercantilizada e competitiva que caracteriza os cursinhos comerciais. Sua proposta não se baseia em um método padronizado baseado em um currículo extenso e meritocrático, mas em um processo educativo construído a partir da realidade das comunidades populares, respeitando suas especificidades e saberes. Nesse sentido, a identidade dos cursinhos populares é afirmada como prática de educação popular ao negar o modelo comercial de ensino, adotando práticas que valorizam o diálogo, a solidariedade e o compromisso com a emancipação das classes populares por meio da inserção crítica da realidade (De Carvalho, 2013, p. 77).

Segundo Silva Filho 2004, p. 24 *apud* Mendes, 2009, p. 4, os cursinhos populares são

uma modalidade de educação popular, pois é voltada especificamente para os setores “subalternos” da sociedade, ou organizada por esses setores. Esses setores acima referidos são aqueles que pelos dados oficiais estão excluídos ou mais excluídos dos serviços de educação como um todo e da Educação Superior em especial.

Entretanto, afirmar que a simples reprodução dos conteúdos exigidos pelo vestibular voltados às classes populares é suficiente para caracterizar uma prática de educação popular constitui um equívoco, pois tal perspectiva limita-se a replicar a lógica mercadológica e competitiva dos cursinhos comerciais, sem promover reflexão crítica sobre a realidade educacional. É necessário, portanto, uma problematização do conteúdo do vestibular e do caráter excludente da universidade, procurando abranger uma crítica à educação bancária e romper com a visão da passividade dos estudantes no processo educativo (Mendes, 2009, p. 4). É imprescindível nesses espaços um ensino que prepare para além do vestibular, que seja pré-universitário e conectado à transformação social.

Portanto, podemos compreender que os cursinhos populares resgatam e atualizam o legado freireano da educação popular ao utilizarem o ensino preparatório para o vestibular como um instrumento de formação crítica e emancipadora das classes populares. Mais do que oferecer conteúdos voltados ao ingresso no ensino superior, esses espaços promovem uma prática educativa que articula conhecimento e consciência social, inspirada nas experiências históricas da educação popular, reafirmando o papel do saber como ferramenta de luta, transformação social e contestação das desigualdades e injustiças sociais (De Carvalho, 2013, p. 76).

Outro fator que coloca os cursinhos populares na esfera da educação popular é a *práxis* realizada por ele. Para Freire, *práxis* é a relação entre ação e reflexão - ou simplesmente, teoria e prática¹⁷ - que, no processo de busca pela libertação humana, é fundamental como condição e fundamento da ação e da luta para o rompimento da idealização da realidade e do desvendamento do caráter alienante das relações de opressão (Gadelha; Pio, 2017, p. 433). Nesse cenário, entendemos que, na prática dos cursinhos populares, a “*práxis*, [é] a teoria do fazer” (Freire, 2013, p. 172) e está associada a um trabalho para além da aprovação na prova pré-vestibular, isto é, na formação de cidadãos engajados com a realidade social e sua transformação. O que nos leva, por fim, a entender os cursinhos populares como pedagogia do movimento social.

2.3. Cursinho popular como pedagogia do movimento social

O caráter eminentemente crítico e político da educação popular freireana, que serve de instrumento político-pedagógico essencial para diversos cursinhos é, por sua vez, produto de uma pedagogia do movimento social nos anos 1960.¹⁸ Nesse tópico, irei abordar como a cultura educacional e política dos cursinhos populares se relaciona com a pedagogia dos

¹⁷ *Práxis* que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação. (Freire, 2013, p. 127).

¹⁸ A educação popular aparece como experiência no início da década de 1960 com a fundação do Movimento de Cultura Popular (MCP) em Recife, junto de estudantes e educadores preocupados com a educação da classe popular e a tomada de consciência desses. O trabalho do MCP levou à construção do pensamento de Freire e foi fundamental na alfabetização de 300 trabalhadores rurais em 45 horas em Angicos, no Rio Grande do Norte, sendo usado como peça publicitária para a secretaria de educação do estado e amplamente aprovado pela opinião nacional até o educador ser exilado com o golpe militar de 1964 por sua temática educadora ser considerada “perversiva e subversiva” (Carvalho; Pio, 2017, p. 430). Apesar de seu exílio, as ideias de educação popular para as massas e com teor conscientizador começaram a se espalhar pelo território nacional.

movimentos sociais e a importância da participação em ações coletivas na educação formal ou informal.

Gohn define os movimentos sociais como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas, a partir de diferentes estratégias de mobilizações, marchas, concentrações, atos de desobediência civil, etc. Os movimentos sociais realizam diagnósticos sobre a realidade social, construindo propostas significativas de resistência à exclusão, lutando pela inclusão social. Eles apresentam identidade, têm opositor e se articulam ou fundamentam em um projeto de vida e de sociedade, criando representações simbólicas afirmativas e identidades para grupos dispersos, projetando em seus participantes sentimentos de pertencimento social (Gohn, 2011, p. 335).

Os movimentos sociais no Brasil, como destaca a autora, abrangem uma rica diversidade de atuações históricas e temáticas, como é o caso das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), do movimento estudantil e do movimento negro. As CEBs e os movimentos populares, no fim dos anos 1970 e 1980, foram articulados por grupos de oposição aos regimes militares sob a inspiração da teologia da libertação, e atuaram na educação não formal para formar politicamente e dar aos participantes instrumentos para uma visão crítica do mundo, sendo a porta de entrada para as lutas urbanas por creches, moradia e saúde. Já o movimento estudantil ressurgiu notavelmente com os "caras-pintadas" no início dos anos 1990 e, no cenário dos cursinhos populares, foram os fundadores dos projetos, percebendo a necessidade da ampliação do ensino superior. Paralelamente, o movimento negro avançou em suas pautas, transformando-se em um movimento de construção de identidade e luta contra a discriminação racial, conquistando suporte para políticas como cotas e o Programa Universidade para Todos, o Prouni (Gohn, 2011, p. 340-347). Como vimos anteriormente com o panorama histórico, todos esses movimentos foram importantes na concretização dos projetos de cursinhos populares e de suas lutas.

Gadotti (2023) afirma que a escola não é o único espaço educativo, embora seja um espaço primordial da educação. O aprendizado, segundo ele, se dá também através da luta, pois ela é uma grande escola. Essa afirmação evidencia que a relação entre educação e movimentos sociais é profunda e multifacetada, pois se fundamenta em uma concepção ampliada de aprendizado que ultrapassa os limites da escola formal e se manifesta na vivência concreta dos sujeitos — nas suas experiências de opressão, resistência e transformação. A

participação em movimentos e ações coletivas constitui um processo educativo em si, no qual se produzem saberes e aprendizagens a partir da prática e da ação coletiva (Gohn, 2011, p. 333-334). Nesse sentido, a relação entre movimento social e educação se constrói por meio das ações práticas desenvolvidas por movimentos e grupos sociais, que promovem socialização política e possibilitam - no espaço e no tempo da luta - a formação e a reprodução de consciência constituídas nos conflitos e nas contradições cotidianas.

Dessa forma, como aponta Gohn (2011, p. 352-353), há, no interior do movimento social uma aprendizagem que precede e procede às lutas, seja para o indivíduo isolado quanto para o grupo. Essas aprendizagens podem ser compreendidas em diferentes níveis e dimensões articuladas entre si, das quais podemos citar: a *aprendizagem prática* que envolve o saber fazer coletivo (como se organizar, participar e definir eixos de atuação); a *aprendizagem teórica*, referente aos conceitos que fundamentam as ações coletivas (como solidariedade, empoderamento e autoestima); a *aprendizagem técnica e instrumental*, que diz respeito ao entendimento das estruturas burocráticas e legais do Estado. Também há *aprendizagem política*, que possibilita o reconhecimento de direitos e a compreensão das relações de poder.

Soma-se a essas a *aprendizagem cultural* (voltada à construção da identidade coletiva e ao fortalecimento da cultura política do grupo); a *aprendizagem linguística*, que cria uma linguagem própria capaz de decodificar a realidade social; a *aprendizagem econômica*, relacionada à gestão de recursos; a *aprendizagem simbólica*, que constrói novas representações sobre si e sobre o movimento; a *aprendizagem social*, presente nas formas de convivência e comunicação; além da *aprendizagem cognitiva*, derivada da troca de saberes. Por fim, a *aprendizagem reflexiva e a ética* permitem a análise crítica das práticas e a vivência de valores como solidariedade, cooperação e compromisso com o bem comum. Em conjunto, essas dimensões evidenciam o caráter formativo dos movimentos sociais, nos quais o aprender está diretamente ligado à ação transformadora e à construção coletiva do conhecimento (Gohn, 2011, p. 352-353).

Nessa perspectiva, os movimentos sociais atuam como verdadeiros pedagogos coletivos, responsáveis por conformar consciência popular e educar os sujeitos para o “direito a ter direitos”. Assim, o movimento social não apenas ensina, mas forma politicamente, orientando práticas de cidadania e participação ativa na vida pública, pois participar de um movimento, organizar-se em torno de uma causa e disputar sentidos de justiça social

constitui, em si, um processo educacional profundo, como destaca Gohn (2011). Os cursinhos populares incorporam esse papel pedagógico ao estimular a participação de educadores, coordenadores e estudantes em atos públicos, manifestações e espaços de mobilização - entendendo que a aula também acontece na rua, no meio de atos e manifestações. Exemplos desse processo podem ser vistos na participação de educandos e educadores nas Jornadas de Junho de 2013 e nas lutas pela ampliação das políticas de cotas, experiências que configuram práticas formativas fundamentais para a democratização do ensino nas universidades públicas.

O movimento social, portanto, é educativo. Entretanto, há um certo distanciamento entre as práticas pedagógicas e as ações coletivas. Tarlau (2014) afirma que existe uma necessidade de reaproximar pedagogia e sociologia, movimentos sociais e educação, na construção de uma educação pública voltada para a justiça social e o fortalecimento das lutas coletivas. Para ela, no contexto de educação popular freireano, a educação era uma ferramenta essencial de luta e organização coletiva e que espaços de educação informal - como os criados por movimentos sociais - têm papel central na formação de sujeitos críticos e engajados com a luta social.

Nesse sentido, a educação popular está intimamente ligada aos grupos populares e aos movimentos sociais de luta contra as práticas culturais e educativas hegemônicas, buscando construir uma nova ordem social, política e epistemológica. Para Gerhardt e Frantz (2019) a relação entre educação popular e os movimentos sociais é histórica, estrutural e indissociável, pois ambas as práticas emergem das lutas do povo por transformação social, justiça e emancipação. Essa perspectiva, inaugurada por Paulo Freire e aprofundada por diversos educadores, compreende a educação popular como um processo formativo e político comprometido com o conjunto de atores e direitos do povo, que utiliza o saber da comunidade como matéria-prima para o ensino, sem desconsiderar o conhecimento científico.

As ações coletivas que configuram a prática da educação popular e a situam no campo dos movimentos sociais são construções pautadas na dialogicidade que transforma, por meio da práxis, o ator/indivíduo no indivíduo sujeito social que se descobre responsável, logo, sujeito da transformação da sua realidade, da comunidade e da sociedade em que vive, através da luta pela realização de uma agenda social, construída a partir das pautas levantadas por meio das demandas reais das comunidades de onde emergiu o movimento (De Castro, 2012).

Dessa forma, diversos movimentos sociais - como o MST, o movimento feminista e o movimento negro - estruturam suas ações mediante práticas de educação popular que buscam formar quadros militantes, fortalecer a organização coletiva e sustentar o trabalho de base. A

educação, nesses contextos, é componente central da construção do próprio movimento, funcionando como instrumento de formação política e de captação de novos agentes comprometidos com a luta por justiça social. De forma semelhante, a pedagogia que se desenvolve cotidianamente nos cursinhos populares - nas salas de aula, nos círculos de cultura e nos espaços de formação de educadores - se inspira em métodos de ensino e aprendizagem elaborados no ambiente não formal dos movimentos sociais e populares, especialmente aqueles associados às concepções freireanas. Assim, a pedagogia dos cursinhos se aproxima das práticas educativas dos movimentos populares pois tem como objetivo capacitar sujeitos para o exercício da cidadania, para a leitura crítica da realidade e para a construção do poder popular, fortalecendo a perspectiva emancipadora da educação popular defendida por Freire.

Dessa forma, os movimentos sociais se configuram como o espaço concreto onde a educação popular se realiza, uma vez que são formados por sujeitos coletivos que, por meio da ação e da reflexão, constroem conhecimento, fortalecem identidades e se organizam em torno da luta por direitos e reconhecimento. Para Gohn (2000, p. 20 *apud* Gerhardt; Frantz, 2019), os movimentos sociais constituem fenômenos históricos que resultam de lutas populares e se expressam em ações de resistência e transformação, o que os aproxima do caráter político e pedagógico da educação popular. Assim, pode-se afirmar que a educação popular atua como a pedagogia dos movimentos sociais, pois forma sujeitos críticos, autônomos e conscientes de seu papel histórico na construção de uma sociedade mais democrática e solidária, como é o caso dos cursinhos populares.

O movimento de cursinhos populares é, dessa forma, a pedagogia do movimento social, pois ele se encaixa nas características essenciais de uma ação coletiva organizada com vistas à mobilização e participação nos rumos da sociedade seguindo uma determinada demanda - isto é, a campanha da democratização do ensino superior, através da lente da educação popular que exclui o caráter mercadológico da educação e designa um viés emancipador e crítico para além do preparo para o vestibular. Nesse sentido, há um caráter educativo dos movimentos sociais no sentido de haver uma preocupação com a formação crítica dos educandos - com base na perspectiva freireana de transformação social -, ter uma organização horizontal (de autogestão) na participação de processos decisórios para o próprio projeto e pela participação no movimento gerar aprendizagens variadas - práticas, teóricas, políticas, econômicas, reflexivas, sociais e éticas - que são essenciais para os mecanismos participativos que dão substância à democracia (Lazarini; Di Pierro, 2022 p. 60).

A definição de movimento social formulada por Gohn (2011) aplica-se amplamente aos cursinhos populares, que apresentam identidade coletiva, estrutura organizativa, princípios orientadores e pautas claras de luta. Esses cursinhos consolidam bandeiras comuns - como a democratização do acesso ao ensino superior, a defesa das ações afirmativas e o combate às desigualdades - e constroem sentidos de pertencimento entre seus participantes. A pedagogia do movimento social se expressa, nesse caso, não apenas no método de ensino-aprendizagem, mas também no trabalho político desenvolvido por educadores, coordenadores e militantes para sustentar e expandir o cursinho. Esse processo envolve enraizamento territorial, articulação comunitária, mobilização de voluntários e ações contínuas de base em diferentes cidades, consolidando o cursinho como sujeito coletivo que emerge das lutas populares.

O movimento dos cursinhos populares se consolida como uma vasta rede de atores sociais, articulando-se com outros movimentos, especialmente o negro e o estudantil, e baseia sua identidade em questões de classe e em identidades que se enquadram na categoria de "oprimido" (população negra, feminina, LGBTQIA+), atuando como resistência à exclusão e luta pela inclusão social. Para isso, o movimento utiliza um repertório característico de movimentos sociais - manifestações, passeatas, palavras de ordem, etc - para pressionar por políticas públicas, como as ações afirmativas (cotas) para alunos de baixa renda, negros e indígenas e isenções de taxas de vestibulares, além de realizar manifestações e atos como o "Dia na USP" e a "Aula Inaugural" (da Rede Emancipa), que simbolizam a apropriação de espaços públicos e de disputa (Lazarini; Di Pierro, 2022 p. 60-61). Também podemos citar a participação dos cursinhos nas Jornadas de Junho, com a união com outros movimentos, reivindicando pautas de democratização do ensino e contra o aumento das tarifas de transporte.

Na Carta de Princípios e Plano Político-Pedagógico do Emancipa, podemos perceber algumas práticas que retomam a ação dos cursinhos populares como pedagogia do movimento social. O princípio de *educar para a liberdade*, por exemplo, fundamentado na promoção do pensamento crítico e do protagonismo estudantil, reafirma os cursinhos como espaços de educação popular, onde se forma não apenas o estudante, mas o sujeito político capaz de compreender e intervir na realidade social. Associado a isso, o *compromisso com a luta da classe trabalhadora por direitos e pela transformação social* situa o Emancipa no campo dos movimentos populares, entendendo o cursinho como instrumento de mobilização, conscientização e organização coletiva.

Outro princípio central é a defesa do *direito à cidade*, que orienta a territorialização das ações e valoriza o enraizamento dos cursinhos nas periferias urbanas e em espaços comunitários, fortalecendo vínculos com as demandas locais e amplia a inserção do movimento em lutas territoriais, como moradia, transporte e acesso aos serviços públicos. A *promoção dos Direitos Humanos e o combate às opressões* também se articula diretamente à prática dos cursinhos, que se constituem como ambientes de acolhimento e enfrentamento às desigualdades estruturais, conectando-se às pautas feministas, antirracistas, LGBTQIA+ e demais lutas sociais.

Compreendemos que o movimento social possui um caráter intrinsecamente educativo, na medida em que a luta coletiva se constitui como um espaço privilegiado de aprendizagens. A busca pela superação das condições desiguais, própria da educação popular, produz processos formativos que emergem da participação ativa em coletivos, práticas organizativas e experiências de mobilização, gerando consciência crítica e fortalecimento da ação política. Nesse sentido, os cursinhos populares, ao retomarem a tradição freireana e se consolidarem como uma pedagogia própria dos movimentos sociais, contribuem para a formação política dos sujeitos e para a construção de caminhos de emancipação humana. Sua atuação vai além da preparação para o vestibular, pois envolve a democratização do acesso ao conhecimento, a problematização das estruturas de opressão e o enfrentamento das desigualdades sociais.

Para compreender como esses processos se materializam no território, realizei entrevistas com militantes de cursinhos populares da região de Campinas, buscando analisar, a partir de suas vivências, como essa prática se constituiu como ação educativa e movimento social no período de 2000 a 2010. O próximo capítulo, portanto, buscará mapear alguns dos cursinhos populares existentes na cidade e relatar as experiências do Cursinho Popular TRIU e de alguns núcleos da Rede Emancipa - como o Emancipa Toninho, Responsa!, Emancipa Vila Padre Anchieta, Emancipa Jordy Moura e Emancipa Capadócia.

3. O MOVIMENTO POR CURSINHOS POPULARES EM CAMPINAS

A cidade de Campinas é conhecida por ser a maior cidade do interior paulista. Em meados da década de 1960 e 1970, ela contava com um forte crescimento urbano-industrial que levou a criação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) para atender a demanda de profissionais qualificados e para ser um centro de pesquisa no país, tornando-se uma das principais universidades da América Latina.

O caráter elitista da universidade, entretanto, exerceu um papel fundamental na exclusão de alunos advindos da rede pública e de estudantes pretos e pardos. Os anos 2000, dessa forma, contaram com a inauguração de uma pluralidade de cursinhos populares na região (compilados no quadro 2, a seguir) com o intuito de democratizar o ensino superior para esses estudantes e tornar a universidade pública um espaço mais democrático e popular, aberto para as camadas populares.

Quadro 2 - Mapeamento dos cursinhos populares em Campinas¹⁹

Cursinhos Populares na Região de Campinas				
Unidades Ativas	Região de Atuação	Tempo de Atuação	Modalidade	Engajamento
Cursinho Popular Herbert de Souza	Vila União	1998 - atual	Pré-Universitário	Promoção de educação de qualidade, crítica, social e alinhada à preparação para vestibulares.
PROCEU Conhecimento	Moradia da Unicamp	1998 - atual	Pré-Universitário	Democratização do ensino superior através da educação popular.

¹⁹ As informações foram coletadas de dados presentes na internet e em conversas com militantes de algumas experiências. Dado o caráter contingente, aberto e provisório das informações, sabemos que elas podem ser aprimoradas em pesquisas futuras, com uma maior precisão a respeito dos dados coletados.

Cursinho Popular Identidade Popular	Jardim Amazonas	2002 - atual	Pré-Universitário	Promoção de uma educação de qualidade, desenvolvendo o pensamento crítico e promovendo o debate sobre cidadania e defendendo a democratização do ensino superior.
Cursinho Popular TRIU	Barão Geraldo	2004 - atual	Pré-Universitário	Popularização da universidade pública com formação cidadã crítica e transformadora.
Projeto Exato	Unicamp	2008 - atual	Pré-Vestibular	Contribuição do aprendizado de alunos da rede pública de ensino.
Emancipa Toninho	Unicamp	2011 - atual	Pré-Universitário	Movimento de educação popular que homenageia Toninho, ex-prefeito de Campinas assassinado em 2001.
Cursinho Popular Amelinha Teles	Campo Grande	2017 - 2023	Pré-Vestibular	Preparação de estudantes de baixa renda para o vestibular.
Cursinho Popular Zilda Arns	Cidade Universitária	2018 - atual	Pré-Vestibular	Democratização do ensino superior no Brasil.
Emancipa Vila Padre Anchieta	Vila Padre Anchieta	2019 - 2024	Pré-Universitário	Movimento de educação popular pré-universitário.
Cursinho Popular Responsa!	Campo Grande	2020 - atual	Pré-Vestibulinho	Movimento de transformação social para a democratização das escolas técnicas.
Emancipa Capadócia	Ocupação Capadócia	2020-2022	Educação de Jovens e Adultos	Educação popular com enfoque na EJA para mulheres da ocupação e seus filhos/as.

Emancipa Jordy Moura	Parque Oziel	2021 - atual	Educação de Jovens e Adultos	Educação popular com enfoque na EJA.
Cursinho Popular Marielle Franco	Botafogo	2022 - atual	Pré-Vestibular	Cursinho pré-vestibular feito por mulheres com a disponibilização de uma creche.
Cursinho Popular Liberte-se	Unicamp	N.I - 2024	Pré-Universitário	Movimento de educação popular com objetivo da popularização da universidade pública.
Cursinho Popular Malunga (Thereza Santos)	Barão Geraldo	N.I. - atual	Pré-Vestibulinho	Preparação de estudantes de 9º ano para as escolas técnicas de Campinas.
Cursinho Popular Dandara dos Palmares	São Marcos	N.I. - atual	Pré-Vestibular e Pré-Vestibulinho	Preparação para os principais vestibulares e vestibulinhos.

N.I.: Não Informado

Neste capítulo, busco contextualizar, de forma sucinta, o processo de surgimento e de expansão da educação popular na cidade de Campinas, a partir de entrevistas e diálogos realizados com sujeitos que tiveram participação relevante nesse percurso. Ressalta-se que as entrevistas foram conduzidas de maneira anônima, com o objetivo de preservar a identidade dos militantes, e que a seleção dos entrevistados de cada projeto variou de acordo com suas trajetórias e experiências pessoais. A seguir, sistematizam-se algumas informações consideradas centrais sobre o perfil dos participantes, de modo a contribuir para a compreensão de suas relações com os projetos desenvolvidos.

No Cursinho TRIU, o entrevistado é um homem branco, graduado em Ciências Sociais pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), militante do projeto há mais de 20 anos e sem vínculo partidário explícito. Já o entrevistado do Emancipa Toninho, do Emancipa Padre Anchieta e do Cursinho Popular Resposta! é também um homem branco, graduado em Ciências Sociais pela USP (Universidade de São Paulo), ex-militante desses projetos e com vínculo partidário ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). O entrevistado do Emancipa Capadócia é um homem negro, graduando em Ciências Sociais pela PUC-Campinas (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), que possui vínculo

partidário ao PSOL. Por fim, o entrevistado do Emancipa Jordy Moura é um homem negro, sem formação acadêmica, rapper e que também possui vínculo partidário ao PSOL.

3.2. Breve histórico dos cursinhos populares em Campinas

3.2.1. O Cursinho Popular TRIU

O Cursinho TRIU²⁰ é um dos cursinhos populares mais antigos fundados em Campinas que permanecem em atividade. Juntamente com o Herbert de Souza e o Identidade Popular, ele compõe a tríade responsável pela consolidação das primeiras experiências de cursinhos populares na região, no início dos anos 2000. Tive o privilégio de ser aluna do TRIU em 2018, o que me permite, nesta pesquisa, articular as narrativas e depoimentos dos militantes com minhas próprias vivências enquanto educanda, ampliando a compreensão sobre os sentidos e práticas formativas presentes nesse espaço de educação popular.

Embora oficialmente fundado em 2004, o cursinho iniciou suas atividades alguns anos antes. Um dos militantes fundadores, antes de atuar como professor e coordenador do projeto, foi aluno do cursinho chamado Alternativa Social²¹ em 2001, que funcionava no Liceu Salesiano. Durante o período em que estudava nesse cursinho, o então coordenador precisou se afastar por motivos familiares, o que levou esse militante a assumir a função de coordenação mesmo enquanto ainda era estudante, marcando o início de seu envolvimento com a gestão e a organização do movimento de cursinhos populares em Campinas.

“Eu conheci o movimento de cursinhos populares em 2001. Fui estudante de um cursinho popular que se chamava Alternativa Social, que funcionava no Liceu Salesiano, uma escola grande que tem perto do Taquaral. Eu acho que em 1999 esse cursinho começou lá. E eu fiquei sabendo dele através de um amigo que não estudava lá, mas estudava comigo, e a gente foi fazer a inscrição, e é aí que eu tive contato com essa iniciativa de cursinhos populares. [...] Eu fiz esse cursinho popular

²⁰ O Cursinho TRIU não possui um significado específico associado ao seu nome; entretanto, orienta-se por uma concepção de formação integral do sujeito, desenvolvendo um projeto pedagógico que busca contemplar essa perspectiva em suas ações formativas.

²¹ Embora não tenham sido encontrados registros oficiais ou materiais disponíveis na internet sobre o cursinho, os depoimentos indicam que sua criação remonta aproximadamente ao ano de 1999. Nesse período, apenas o Cursinho do DCE da Unicamp mantinha atividades regulares desde 1994. Anos mais tarde, esse cursinho passaria por um processo de cisão, dando origem a duas novas iniciativas: a Cooperativa do Saber, que se consolidou como cursinho privado na cidade, e o Dandara dos Palmares, cursinho popular localizado no bairro São Marcos.

em 2001 e 2002. Entrei na Unicamp em 2003, e já em 2002, nesse cursinho, a gente percebeu, enquanto estudantes, que ele precisava de ajuda na sua organização, né? O funcionamento tinha pouca gente para fazer a gestão, e o coordenador principal que fundou o cursinho precisou voltar pro Rio de Janeiro para cuidar da mãe que estava doente. Aí a gente assumiu. A gente, eu e mais duas pessoas, que depois também ajudaram a fundar o TRIU, entre 2003 e 2004. A gente assumiu a coordenação do cursinho enquanto ainda éramos estudantes." (Entrevista com um dos fundadores do TRIU, 2025).

Assim, enquanto não era aprovado no vestibular, se manteve próximo ao cursinho, auxiliando na organização e na gestão. Em 2003, junto com outros alunos e militantes, organizaram o processo seletivo de novos alunos e atuaram na gestão do cursinho, que à época funcionava em um espaço cedido pelo Salesiano, mas que foi obrigado a deixar o local quando a escola passou a abrigar uma faculdade privada. Dessa forma, diante do aumento dos custos de aluguel do novo espaço e de divergências internas, o grupo decidiu se desligar e buscar outro espaço, que acabou resultando na formação de um novo cursinho popular, chamado de TRIU. Esse movimento marcou o início de um engajamento político mais consciente em um dos fundadores que, ao reconhecer o potencial transformador da educação popular, encontrou ali um espaço de militância e formação pessoal.

“Então, o meu engajamento veio nessa. Primeiro, eu ter sido uma pessoa que teve um impacto grande, né? E de ajuda pra minha vida, assim, pra eu conquistar aquilo que eu estava buscando. Fez muito sentido pra mim aquele espaço. [...] Ali eu encontrei um lugar de militar, esse que fez mais sentido pra mim, do que, por exemplo, partido político, envolvendo educação. Foi um espaço em que ali mesmo eu vi que era o que eu gostava de trabalhar, de me envolver, e aí que eu decidi fazer Ciências Sociais, inclusive.” (Entrevista com um dos fundadores do TRIU, 2025).

Nesse processo, os organizadores passaram a buscar novos espaços para a realização das atividades do cursinho e decidiram considerar a possibilidade de utilizarem escolas públicas. Até aquele momento, nenhum cursinho popular havia se consolidado em um espaço escolar público, uma vez que as experiências existentes em Campinas restringiam-se ao Cursinho do DCE, sediado na Unicamp, e ao Alternativa Social, que funcionava no Liceu Salesiano. Foi, então, que o grupo estabeleceu parceria com a Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende, onde o cursinho permanece em funcionamento até os dias atuais. Com o local estabelecido, os fundadores realizaram as primeiras reuniões com professores e professoras que resolveram contribuir de forma voluntária com o projeto até seu início definitivo em 2004.

“Eu já estava em 2003, já estava na UNICAMP. [...] E aí eu já comecei, além de coordenar o cursinho, a dar aula. [...] Eu sempre deixava uma noite livre pra poder me dedicar ao cursinho presencialmente, e aí me formei quase dois anos depois.

Assim, por conta desse espaço que eu quis dedicar, e porque sentia que era importante demais estar ali. Até hoje ainda sinto muito sentido em me dedicar e construir um espaço tão importante, tão potente como o cursinho popular.” (Entrevista com um dos fundadores do TRIU, 2025).

A experiência no TRIU revelou um processo formativo profundamente enraizado na prática, que antecedeu a sistematização teórica. Inicialmente, as ações eram guiadas por vivências e pela necessidade de atender demandas concretas da comunidade, sem uma preocupação explícita com fundamentos pedagógicos ou políticos. Com o tempo, porém, o contato com autores como Paulo Freire, bell hooks e com os debates sobre educação popular possibilitou uma ampliação do olhar e a compreensão crítica do próprio fazer educativo. A prática passou a ser ressignificada à luz da teoria, e a teoria, por sua vez, ganhou sentido a partir da prática cotidiana. Esse movimento entre fazer e refletir sobre o fazer (*práxis*) consolidou uma formação mais consciente, política e transformadora, em que o cursinho se afirmou não apenas como espaço de ensino, mas também de construção coletiva de saberes e de emancipação humana.

“A formação veio sem ter formação acadêmica, né? Melhor dizer, porque muitas das nossas informações vêm da prática. O cursinho, por exemplo, eu vejo que ele formou mais do que a própria universidade. Tanto em oportunidade de estudo acadêmico [...] como no próprio ensino das disciplinas — que eu já dei lá como história, sociologia, redação. [...] Então muito da nossa formação, da minha formação em particular, veio da experiência em prática mesmo, né? E dos estudos que a gente fazia ali a partir das necessidades práticas do próprio projeto. [...] Então, no começo, não tinha tanto uma preocupação política pedagógica clara, a gente só queria construir um projeto como a gente teve a oportunidade de vivenciar que desse aulas gratuitas ou de baixo custo para as pessoas que precisavam como a gente precisou. Sendo bem sincero, depois que eu fui ter contato com Paulo Freire e mais pra frente ainda com a bell hooks e com outras experiências de educação popular, no sentido de ter contato maior com teorias. Então quando a gente lia Paulo Freire tinha muita coisa que a gente olhava e falava ‘Nossa, que ‘da hora’ a gente já faz algumas coisas assim, né?’ Mas claro que a partir do momento que a gente teve esse contato com a teoria mudou muito a nossa prática, né? Ganhou corpo e ganhou novos sentidos também. Novas práticas se juntaram àquilo que a gente já conhecia e começaram a fazer mais sentido para gente realmente pensar sobre ela e ter um embasamento maior da nossa atuação política através da teoria. [...] Então em 2007 que a gente começou a ter debates maiores sobre a criticidade do projeto com a nossa formação e com a entrada de pessoas que contribuíram para esse processo da gente discutir mais sobre a educação popular teoricamente.” (Entrevista com um dos fundadores do TRIU, 2025).

Dessa forma, uma das características fundamentais que diferenciam o TRIU de outros cursinhos populares é sua formação por ex-alunos de cursinhos populares. A experiência de ser educando de um cursinho popular é profundamente transformadora, pois oferece acolhimento e educação crítica em um momento de grande vulnerabilidade emocional. Ao

ingressar nesse espaço, os alunos descobrem uma prática pedagógica baseada no respeito, na escuta e na emancipação — uma vivência distinta daquela geralmente encontrada no ensino regular. Todos os sujeitos que têm o privilégio de participar de um cursinho popular são marcados pelo amor, pela coletividade e pela solidariedade que permeiam o ambiente, o que os motiva a retribuir, retornando como educadores, coordenadores ou colaboradores. Esse movimento é uma expressão de amor, respeito, solidariedade e coletividade que se perpetua de forma orgânica e genuína na memória daqueles que participam.

3.3 A Rede Emancipa em Campinas

3.3.1. *Emancipa Toninho*

A história da instauração da Rede Emancipa em Campinas nasce da expansão do movimento que havia nascido em Itapevi a partir do racha do Cursinho da Poli-USP - que passou a adotar características voltadas para o mercado privado - para o interior paulista. Ela também têm vínculos com os debates do movimento estudantil dos anos 2000 e de suas greves - especialmente em 2007, devido às mobilizações contrárias às políticas de José Serra - que reacenderam a chama da luta estudantil em defesa da universidade pública nas estaduais paulistas. Nesse contexto, ganharam força pautas como o acesso e a permanência estudantil, a crítica ao ensino a distância proposto pela UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo) e a defesa das cotas sociais e raciais.

“Eles tinham uma discussão de que era importante também fazer uma disputa dentro da universidade, mas com a vontade, desde a época, de fazer por fora, né? Era disputar os territórios e tudo mais. E aí, a partir da ocupação da reitoria, que eu comecei a acompanhar mesmo, comecei a ter muita referência em algumas pessoas [...] E aí, a partir dali, que eu vou militar e me debruço muito sobre o estudo da educação, porque eu começo a atuar no movimento estudantil, me organizo e aí comecei a ler um monte de coisa sobre a universidade pública, sobre educação pública [...] Então eu ia para as formações e a gente discutia Paulo Freire, enfim, e aquilo começou a ser meio que o norteador do que eu era. Por isso que eu atuava no movimento estudantil, porque achava que era importante essas ideias, achava que a universidade tinha que ser pública e universal, para todo mundo e que as principais lutas que a gente tinha para fazer era do acesso e permanência da universidade.” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

A primeira experiência Rede Emancipa em Campinas remonta o período de 2011 com a chegada de novos militantes à cidade com o objetivo de estruturar a atuação da juventude de uma organização política local. Nesse cenário, a criação de um cursinho popular era tida

como a melhor estratégia para articular a dimensão político-pedagógica e aproximar a universidade pública (no caso a Unicamp) das demandas sociais. Após negociações com a Unicamp, o grupo se estabeleceu em uma pequena sala na Faculdade de Educação (FE) - com capacidade para 16 pessoas - e iniciou um projeto de mobilização em que alguns militantes percorriam as escolas públicas colando cartazes e divulgando o projeto para os estudantes, outros apresentava a proposta em salas de aula da universidade, convidando os universitários para atuarem voluntariamente como professores.

Em maio de 2011, o cursinho realizou sua primeira aula inaugural, reunindo cerca de 80 estudantes, número que ultrapassava a estrutura disponível. Como tinham o lema “ninguém fica para trás”, educandos e educadores optaram por realizar as aulas em espaços adaptados, em corredores e ao ar livre. O cursinho, nomeado de Cursinho Popular Antônio da Costa Santos (Emancipa Toninho), homenageou o ex-prefeito petista da cidade que foi assassinado a tiros dentro do seu carro²², cuja a família deste foi consultada e participou da primeira aula do projeto. As aulas eram realizadas de segunda às sexta-feiras no período noturno, dentro de espaços da Unicamp, enfrentou dificuldades logísticas de deslocamentos dos estudantes, que vinham de diferentes regiões da cidade, que resultou em uma significativa evasão ao decorrer do primeiro ano.

“Eu fui ‘girado’ pelo partido para vir para cá nos primeiros meses, sem saber muito bem o que seria possível, porque vim para cá para construir a juventude da nossa organização. E aí, discutindo com alguns companheiros, eu vi que o que seria a melhor entrada pra gente começar o trabalho aqui na cidade era construir o Emancipa. E aí a gente começou a fazer movimentação para conseguir espaço dentro da Unicamp. Inicialmente nós fomos sediados na Faculdade de Educação, mas nós tínhamos só uma salinha pequena para 16 pessoas e nós fizemos divulgação. [...] E em maio de 2011 nós tivemos a nossa aula inaugural, as pessoas tinham que ir até a Unicamp para fazer as inscrições, e nós tivemos em torno de 80 inscritos. [...] Nós demos o nome pro cursinho da Unicamp de Cursinho Popular Antônio da Costa Santos, o Toninho, por entender justamente de que a gente tem que ter vínculo com a história do lugar, no caso era o primeiro pra cidade, então pegamos a principal referência de construção de esquerda na cidade que tinha sido assassinado justamente por isso. [...] E inicialmente era isso, nós só tínhamos sala para 16, nós falamos para todo mundo ir porque era o que desde a fundação do Emancipa se falava, que ninguém ficava para trás, tinha vaga para todo mundo. Então a gente apresentou isso para as pessoas: ‘A gente só tem sala para 16, estamos em quase 80 aqui, não sabemos ainda como que a gente vai resolver, mas se todo mundo topou, a gente vai ter aula em qualquer lugar que for — pode ser na grama, pode ser num corredor espaçoso — enquanto a gente vai tentando salas maiores’. E todo mundo topou, e ali começou.” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

²² Para o grupo, era importante que o cursinho tivesse o vínculo com a cidade, então optaram por nomear a principal referência da esquerda na região que tinha sido assassinado justamente por suas ideias progressistas.

A pedagogia do cursinho caracterizou-se por uma prática de educação popular crítica e participativa, orientada pela participação política, coletividade e solidariedade. Desde sua formação, o projeto assumiu um caráter explicitamente militante, articulando o ensino preparatório para o vestibular com os compromissos com as lutas sociais e com a democratização da universidade pública. As atividades pedagógicas valorizavam a construção coletiva do conhecimento e a relação horizontal entre educadores e educandos, promovendo um espaço de diálogo, escuta e respeito que se dava devido a busca dos educadores em romper com a lógica tradicional e autoritária da sala de aula, reconhecendo os educandos como agentes ativos do processo educativo.

“E em 2013, eu lembro que foi divertido porque era isso, né? A gente sempre tinha a linha de que tinha que participar dos atos. Então a gente reiteradamente dizia sobre por que a gente existia, que a gente fazia a luta política. A gente sempre tinha a linha de que tinha que participar dos atos e dizia sobre por que a gente existia, que a gente fazia a luta política, que a gente queria ter começado na universidade justamente para todo mundo poder ter noção do que que era aquele espaço que a gente não tem. [...] E aí em 2013 eu já não tava mais no cursinho, mas nas manifestações de junho a gente tinha organizado os nossos movimentos para estarem todos em coluna com as suas faixas e todo mundo ‘tava’ uniformizado com as camisetas do Emancipa. Eu ‘tava’ no ‘Juntos!’, que era movimento de juventude. E aí foi curioso, eu vi um rapaz segurando uma faixa. Aí eu fui trocar uma ideia com ele e ele disse que era aluno do Emancipa. [...] “Um professor de química uma vez ‘tava’ dando a aula e ele simplesmente começou a apagar o quadro e se deu conta que ele não tinha perguntado pra galera que ‘tava’ acompanhando a aula. E ele “Pô”, pessoal eu nem perguntei se podia apagar” e ele foi e reescreveu, e aí o pessoal disse: ‘Nossa, nunca vi isso, alguém escrever o que apagou pra gente’. Enfim, então a gente fazia essa disputa e sempre ia marcando quando ia dar recado sobre o caráter do que a gente fazia e o próprio fato de que a gente não tinha espaço [...] Eu fiquei lá até 2011 e continuo na coordenação até 2012 e depois eu saio, mas continuo acompanhando os coordenadores que eu coloco no meu lugar” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

3.3.2. Emancipa Vila Padre Anchieta

O Emancipa VPA (Vila Padre Anchieta) teve início em 2017 com o debate a respeito da territorialização, lançando a necessidade de implementar cursinhos nos territórios periféricos, para além do espaço da Unicamp e com aulas aos sábados, permitindo a participação de mais estudantes. A ideia foi muito bem recebida pela direção da Escola Estadual Professor Messias Gonçalves Teixeira pois era uma demanda dos ex-alunos ingressantes do ensino superior que tivesse um cursinho preparatório para os alunos da região para o vestibular. Nesse cenário, com o apoio da internet, a divulgação foi mais rápida e com um maior alcance de interessados.

Neste ano, com a mobilização dos cursinhos populares e dos estudantes, a política das cotas raciais estava em processo de aprovação, o que culminou em uma aula inaugural sobre o tema com os educandos. Essa, por sua vez, contou com a participação de cerca de 130 estudantes de todas as regiões da cidade que tinham interesse em participar das aulas. As aulas, que eram ministradas aos sábados, contavam com esquemas solidários para a permanência dos educandos no cursinho, com a organização de alimentos coletivos e dinâmicas que reforçavam o sentimento de pertencimento.

“E o esquema solidário, né, de como funcionar o sábado a gente fazia o lanche coletivo da galera, a gente tentava arrecadar, fazer campanha financeira, mas o que a gente garantia, pelo menos, ou a gente tirava do próprio bolso, era pelo menos pão com mortadela, queijo e fruta. [...] Depois melhorou, a gente conseguiu mais recursos, tal, mas isso era o que a gente garantia todo sábado. Então, era uma correria para abrir, ver se ‘tavam’ todos os professores, se as grades estavam todas ok, porque aí eu nem lembro quantas turmas a gente tinha, mas foram várias turmas. E a gente fazia até uma dinâmica também que era a da linha do barbante, que era de jogar barbante um pro outro se apresentando, o porquê ‘tava’ ali, o que desejava, o que sonhava, que é a ideia, eu não lembro qual dos cursinhos que eu tinha visto isso pela primeira vez, mas ele formava a rede, né? Então era para mostrar que nós atuamos todos em coletividade, em comunhão e que era uma disputa de todo mundo ali, que não era só a vaga em si, mas que a universidade era um direito e por ser um direito, apesar dele ser negado, nós íamos lutar por um direito de todo mundo” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

O tema da aula inaugural, no entanto, não ficou presa apenas no primeiro dia do cursinho, ela se expandiu para um movimento de lutas e mobilizações por parte dos estudantes universitários, secundaristas e dos cursinhos populares. O Emancipa VPA teve como sujeitos ativos na luta os próprios educandos, que coletaram assinaturas nas escolas estaduais, falaram em atos e participaram de reuniões e conselhos na Unicamp que discutiam a aprovação das políticas afirmativas, culminando na sua aprovação definitiva em maio de 2017.

“Tinha uma companheira nossa que era da juventude que tinha muita atuação com o movimento secundarista [...] e junto com estudantes ali do cursinho eles foram rodando várias escolas estaduais com abaixo assinado falando da luta por cotas na Unicamp. Coletaram, sei lá, em em menos de uma semana, quase 2.000 assinaturas e aí levaram para entregar no dia do ato. Estudantes nossos do cursinho foram para o ato em frente ao conselho e pegaram o microfone pela primeira vez falando sobre, foi bom, foi da hora demais começar já muito engajado, né?” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

A ação política dos cursinhos populares também esteve alinhada ao movimento secundarista em relação à circulação de sujeitos, as práticas pedagógicas e os valores políticos presentes nesses espaços. Muitos educadores, que tiveram suas primeiras experiências como

educadores nos cursinhos populares, puderam levar essas práticas para a escola pública, comprometidos com a formação política dos estudantes. Dessa forma, como nos relatou militantes atuantes no movimento secundarista dessa época:

“Eu passei a dar aula no Estado em 2013. [...] Comecei dando aula no Carlos Gomes, que era uma escola muito grande, bonita e porque também do ponto de vista político era importante conseguir entrar numa escola central para qualquer futura mobilização que pudesse ter o movimento secundarista, até porque Campinas era muito conhecido por ter um movimento secundarista muito forte. A época da luta do passe livre mobilizou uns 100 números de escola. [...] E aí eu aliava o que eu tinha aprendido atuando no cursinho fazendo na escola também, né? Então, dava aula sempre também numa perspectiva de alguma maneira, em algum momento, fazer a galera se movimentar, começar a se organizar, mobilizar, debater sobre a educação, a educação pública, vertentes do pensamento político pedagógico. Discutia isso em sala de aula. Eu passava trabalhos para a galera refletir sobre a escola e a educação, porque, enfim, na época também no Carlos Gomes tinha uma diretora que era muito autoritária, não deixava eles se organizarem e eu achava que era necessário de alguma maneira tentar auxiliar a fazer isso.”

3.3.3. *O Cursinho Popular Resposta!*

O Cursinho Resposta surgiu em 2017 a partir da iniciativa de um grupo de estudantes secundaristas do Cotuca, ligados ao movimento estudantil e ao campo da educação popular. A proposta nasceu com jovens secundaristas que resolveram criar um cursinho popular pré-técnico, mobilizando a juventude em prol do acesso às escolas técnicas de Campinas. Assim, com o apoio da Rede Emancipa, o grupo iniciou um cursinho voltado à preparação para o ingresso em escolas técnicas, mas que também se configurava como um espaço de formação política, expressando a continuidade das lutas estudantis no campo da educação pública.²³

“O Resposta! teve uma entrada no movimento secundarista. Nós tínhamos um grupo de secundaristas muito bons [...] que faziam um monte de coisa, rodavam as escolas e em algum momento tiveram a ideia de organizar um cursinho pré-técnico. A ideia era deles, que estavam no Cotuca, conseguirem organizar uma galera que não se interesse pelo movimento secundarista, mas que poderia vir a querer ser organizado no movimento de educação popular. E aí eles foram correndo atrás e a gente fez algumas formações lá dentro do Cotuca. E eles conseguiram daí começar nesse espaço aqui que, à época, era o Sinsprev, que tinham cedido justamente essa sala aqui. E aí começaram os estudantes secundaristas dando aula para estudantes secundaristas entrarem no técnico. Foi em 2017.” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

²³ Atualmente, o cursinho continua com suas aulas preparatórias para os principais vestibulinhos da região e do país. Suas aulas contam com um modelo híbrido de ensino, com aulas presenciais e online para preparar os estudantes de escola pública para as escolas técnicas com a luta pela democratização do ensino público.

3.3.4. *Emancipa Capadócia*

O cursinho da Capadócia surgiu a partir da mobilização comunitária e da atuação de educadores vinculados à Rede Emancipa, que buscavam expandir a experiência da educação popular para territórios periféricos de Campinas para a modalidade de jovens e adultos. O projeto surgiu quando alguns dos fundadores participavam da aula inaugural do Emancipa VPA (Vila Padre Anchieta) que tinha como temática as cotas raciais e resolveram se voluntariar para darem aulas no próprio bairro. Essa ação teve como consequência uma aproximação dos moradores que passaram a se comunicar e conhecer mais e logo o cursinho consolidou-se como um espaço de resistência e pertencimento, afirmando a educação como um direito e reivindicando a luta por educação gratuita e de qualidade.

“E aí passou um tempo, começou o Emancipa lá na Capadócia, que é uma comunidade vizinha da minha casa, e aí eu me disponibilizei a dar aulas de inglês lá. E foi bastante importante para mim porque eu me aproximei mais da minha própria comunidade, do meu próprio bairro, das pessoas do meu bairro. Me inteirei melhor da realidade e conheci algumas pessoas que eu não conhecia. Eu já conhecia a dona Maria, que era uma das principais mobilizadoras ali do grupo, ‘tava’ sempre presente, sempre arrumando a sala e comida, organizando tudo e chamando as pessoas. Ela ia na casa das amigas pra poder chamar pra aula. E foi muito bacana perceber assim a falta de acesso que as pessoas têm nessas comunidades e como é simples a gente conseguir organizar uma coisa nesse sentido para poder dar a essas pessoas um pouco mais de acesso a uma coisa que é um direito, né? Educação é direito. Por mais que o mercado tenha comercializado esse direito, a gente precisa ainda manter essa luta, né, por educação gratuita sempre, em todo lugar.” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

O Emancipa Capadócia tinha a proposta de trabalhar com pessoas mais velhas que queriam se formar no ensino médio ou fazer um supletivo, mas não tinham condições financeiras para bancar tais instrumentos. Nesse sentido, como nos relatou um dos militantes do cursinho, uma das ações promovidas por eles foi de viabilizar a inscrição no Encejea (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) de todos os membros do cursinho, orientando-os a respeito dos métodos necessários para realizar a prova. “Foi bacana, para mim foi mais marcante perceber que havendo acesso as pessoas vão procurar evoluir, aprender e ter melhores condições de vida, porque sem ensino é complicado”.

O cursinho tem uma característica bastante marcante que o diferencia dos demais, que é o protagonismo feminino de educandas, militantes e organizadoras comunitárias. Assim, a participação das mulheres tornou-se fundamental para a consolidação do projeto uma vez que essas, muitas vezes, donas de casa, mães e trabalhadoras, sustentaram o funcionamento do cursinho, assumindo papéis de organização, mobilização e cuidado enquanto retomavam os estudos. Dessa forma, além de participarem das aulas, as mulheres cuidavam da infraestrutura, preparavam refeições, convidavam novas participantes e criavam redes de apoio mútuo, como a formação de um grupo de voluntários para cuidar das crianças durante os encontros para que as mães pudessem estudar sem interrupções.

“E assim, uma grande dificuldade que a gente percebe é que elas são donas de casa, elas têm filhos, elas têm maridos. É engraçado que eu falo ‘elas’ porque era um grupo praticamente de mulheres, assim; tinha uns rapazes que foram umas duas ou três vezes, e eu percebi que o interesse mesmo era mais das mulheres. E é engraçado a gente perceber isso, porque elas têm uma carga muito maior de responsabilidades e de afazeres, de casa, de trabalho. [...] Enquanto as mães estavam no curso, as crianças estavam brincando, e a gente tinha um grupo de pessoas voluntárias que ficava cuidando das crianças, fazendo cadeira; sempre tinha um ou outro, quando um podia vir, o outro vinha. E era muito bacana, porque isso conseguia fazer quebrar um pouco essa dificuldade que as mães tinham de cuidar das crianças enquanto estavam nas aulas. E a gente tinha uns almoços, era legal essa questão. Quando acabava a aula tinha sempre uma das alunas que preparavam o almoço pra gente. Elas ficavam muito gratas por nós estarmos lá com elas dando essa força e tal.” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

Muitos dos desafios encontrados pelo cursinho foram infraestrutura dos espaços permitidos para as aulas. Inicialmente, as aulas ocorriam em um prédio abandonado, que precisou ser adaptado pelos próprios educadores e voluntários. Após a pandemia, no entanto, o prédio começou a ser reformado pelos proprietários, impossibilitando a continuidade das aulas no mesmo local e obrigando o grupo a improvisar alternativas, como o uso de áreas externas, que depois também foram proibidas. Porém, os educadores buscavam novas alternativas e por fim conseguiram expandir suas disciplinas para inglês, matemática, geografia, entre outras. Toda a pedagogia, dinâmica e condução dos conteúdos abordados eram feitas de maneira dialógica, respeitosa e leve, entendendo o tempo de aprendizagem de cada um e respeitando suas histórias e seus períodos longe da escola.

“Eu procurava fazer a coisa de uma maneira o mais leve possível, o mais claro possível, porque inglês as pessoas têm muito medo de falar, tem medo de pronunciar as palavras. E aí eu tentava deixar o mais confortável possível para que esse medo pudesse ser superado na medida que a gente ia avançando no curso. [...] E tinha aula que não tinha cadeira para todo mundo. E era uma farra, né? Porque a gente ficava de farra, e eu inventando maneiras de integrar a questão do inglês com a realidade e trazer isso para o uso do dia a dia.” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

3.3.5. *Emancipa Jordy Moura*

Duas experiências marcantes nesse processo e que tive o prazer de conhecer pessoalmente militantes envolvidos no processo foram o Emancipa Jordy Moura e o Cursinho da Capadócia que atuaram no histórico dos cursinhos populares em Campinas.

O Emancipa Jordy Moura é localizado na região do Parque Oziel, que faz parte de um complexo com os bairros Jardim Monte Cristo e Gleba B, e é atualmente uma das maiores ocupações urbanas da América Latina, com a presença de mais de 30 mil moradores. A ocupação, iniciada em 1997, se deu pelos membros do “Movimento dos Sem Teto” que não tinham moradia, emprego e condições financeiras de pagar um aluguel e que, com a liderança de Gentil Ribeiro - mais conhecido como Paraíba - iniciaram a ocupação da área que é conhecida como Parque Oziel e, pela demanda das muitas famílias, se expandiu para o Jardim Monte Cristo e o Gleba B. No início, as condições eram precárias, sem eletricidade, água encanada e condições de moradia em que os ocupantes precisavam colocar lonas nos terrenos para demarcá-los. Nesse período, se iniciou uma organização de manifestações para reivindicar melhores condições de moradia, de educação, coleta de lixo, saneamento básico, e quem era contrário a essas manifestações, eram destituídos pelo povo, que lutavam pela melhoria do bairro. Assim, com muita luta e com o passar do tempo, algumas melhorias foram sendo realizadas, com a proteção do próprio povo aos direitos conquistados.

“Eu cheguei no Parque Oziel com 10 anos. Minha família é uma família pobre, né, humilde e a gente por muito tempo viveu a vida de cigano, então era coisa de cada ano tá em um lugar e a gente viveu muitas vezes de favor. Então já morei em Hortolândia, morei em algumas regiões de Campinas e aí a gente morava no Icarai. Em 97 surge o Oziel, a ocupação Oziel, que a gente praticamente era parte da linha de frente, né? Do nada amanheceu um monte de barraquinho e aí a gente viu naquela oportunidade de conseguir o sonho da casa e do espaço para chamar de seu. A ocupação foi considerada a maior ocupação da América Latina, né? Então o Oziel surge numa proposta muito louca que a galera ainda tinha naquela época: a dos movimentos sociais de moradia, né? Surgiu ali do MTST, que é o movimento dos trabalhadores sem teto. [...] E aí tinha um negócio de que tinha que ter uma representação de todas as casas na assembleia ou na manifestação. Quem não fosse ainda em algum momento ainda corria o risco de ter o seu barraco marcado com X. Então era tipo uma pressão, era uma forma de garantir ali a participação [...] Então se você tivesse um X no barraco quer dizer que você não ‘tá’ construindo a luta, você não ‘tá’ participando, então você não tem direito de estar ali” (Entrevista com um dos militantes do cursinho Emancipa Jordy Moura, 2025).

Nesse contexto de lutas e reivindicações, surge o rap como um aliado popular, que dá voz e denuncia as desigualdades sociais que os moradores vivenciam e aproxima os jovens com um senso de pertencimento e igualdade entre eles. O *rap*, na ocupação, nasce de uma necessidade de organização dos movimentos da juventude, que passa a autogerir suas agendas de luta e eventos e a representar o bairro em campeonatos paulistas. Assim, usando o rap para questionar a realidade em que estavam inseridos, passam a movimentar a juventude em prol da comunidade, como no apoio aos barracos incendiados, inserindo “ódio e resistência na galera”, como afirma um dos militantes do cursinho presente no movimento do *rap*.

“Então esse era o trabalho. E aí a gente foi, né, com o tempo a gente começou tá mais a ‘afinto’ no negócio. Chegou um momento que eu eu comecei não ver nesse não ver sentido mais na proposta do rap que eu queria mais e a galera que tava comigo não queria mais. Falei: "Mano, não faz sentido. A gente tá cantando as propostas e falando várias coisas e pá, mas nós precisamos de ação, velho. Nós precisamos estar na rua, nós precisamos estar junto com os movimentos. Então aí eu tipo saí do rap, né? Ainda cantei rap durante uns 13 anos. Aí foi aonde eu abandonei o rap mesmo e aí caí mesmo com o esquema dos movimentos. [...] Então a gente participou do projeto de pavimentação do bairro, do centro de saúde, da escola, da praça [...] A gente também faz, fez parte dessa luta. [...]”

O Parque Oziel atualmente continua enfrentando desafios sociais e de infraestrutura - como a frequente vulnerabilidade social dos habitantes, a violência policial contra a população e os incêndios dos barracões²⁴ - mas também tem sido palco de iniciativas culturais e ações públicas pontuais com regularização fundiária para a posse da terra para os moradores, melhoria da infraestrutura, projetos de cultura e lazer e ações educativas. A educação do bairro, apesar de ter evoluído com a criação de escolas públicas, ainda enfrenta desafios sociais e de infraestrutura - em que o mesmo prédio abriga a escola estadual e municipal e passando por um período de sucateamento, sendo necessárias ações educativas não-formais²⁵. Algumas dessas iniciativas é o Ozipa Criativa, que busca alinhar a cultura local para o desenvolvimento pessoal e territorial do bairro e o Emancipa Jordy Moura, um cursinho popular com a modalidade EJA para a população, fundamental na construção dos cursinhos populares na região de Campinas.

²⁴ Há relatos de vários casos dos moradores referentes às violentas operações policiais que usam a força excessiva para reprimir os moradores, acarretando em mortes e agressões por parte da polícia. Os incêndios, por sua vez, são frequentes devido às instalações elétricas improvisadas, os materiais de construção dos barracos inflamáveis e condições climáticas diversas.

²⁵ Em 1999, no início da ocupação, as crianças tinham aulas em contêineres fechados, o que fez com que os moradores lutassem pela criação de escolas. Entretanto, por conta da vulnerabilidade social dos moradores, a qualidade do ensino continua a lidar com questões como a violência, drogas e outras dificuldades econômicas. Atualmente, o bairro conta com as escolas EMEF/EJA Oziel Alves Pereira e o E.E. Parque Oziel.

O Emancipa Jordy Moura nasceu em 2012 com o propósito de transformar a realidade dos moradores do bairro por meio da educação popular. O cursinho leve o nome de um dos jovens da comunidade, Jordy, de 15 anos, que foi brutalmente assassinado pela guarda militar em 2020 enquanto andava de motocicleta com o irmão com um tiro na nuca²⁶. No início, por meio da Rede Emancipa, o objetivo do cursinho era democratizar o acesso da universidade pública, sendo a ponte que conectava os dois. Entretanto, conforme analisavam a realidade dos estudantes, perceberam que muitos estudantes não tinham sequer concluído os estudos, o que fez com o que a modalidade do cursinho precisasse se atualizar para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atualmente, o público do cursinho são pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir os estudos e muito menos de finalizar no ensino regular. A nova proposta do cursinho é de realizar aulas aos sábados para que os educandos possam realizar a prova do Enceja no final do ano e futuramente se inscrever em um curso técnico, uma prova vestibular ou apenas concluir seus estudos de maneira formal. Sobre o trabalho do cursinho na comunidade, um dos militantes diz:

“[...] A gente começou a fazer parte das assembléias, né e aí a gente teve contato com os camaradas. Foi uns anos a gente namorando o pessoal até que a gente sentiu vontade de fazer parte disso. Aí beleza, enviamos o pessoal e tal e aí em 2021 o pessoal procurou a gente com a proposta de trazer o Emancipa para o Oziel. [Com] o Emancipa que a gente conseguiu quebrar algumas algumas barreiras que tinham, né? Então sempre teve alguns lugares que a gente não conseguiu entrar e através do trabalho com a educação a gente tá conseguindo perfurar esses lugares, né, essas bolhas e tal. Então, a gente tem conseguido fazer um trabalho legal. Estamos agora pro nosso quinto ano de atuação, né? E aí é cada ano é se reinventando, se reorganizando, se reconstruindo. E a gente tá também nessa luta, né, que é uma luta constante, luta pela educação é uma coisa que ela não para” (Entrevista com um dos militantes do cursinho Emancipa Jordy Moura, 2025).

A luta pela educação na região de Campinas e principalmente nas regiões periféricas da cidade é importante no contexto da divulgação da universidade pública, pois apesar de ter a Unicamp como símbolo nacional de excelência no ensino superior, é conhecida como instituição de ensino por poucos. O cursinho popular, nesse sentido, é importante pois contribui na construção de sonhos e contribui para a formação profissional daqueles que não tiveram oportunidades de estudo adequadas na educação formal, proporcionando uma educação de qualidade, crítica e emancipatória. Como nos disse um dos militantes do cursinho:

²⁶ Em agosto de 2025, após anos de luta do cursinho e dos moradores da comunidade, o caso foi finalmente conduzido a júri popular e o cursinho segue dialogando e lutando para a prisão do assassino e continua a acusar a violência policial contra os moradores negros e periféricos.

“[...] A parte da educação me toca bastante, porque eu fui durante muito tempo considerado o problemático da escola, né? Então, tipo assim, eu inclusive não tinha sonhos e planos de tentar fazer uma formação, tal, mas eu não consegui, não tive tempo, não por questões da vida, não tive acesso a um cursinho, não tive acesso a um vestibular, né? Fui saber que a Unicamp era faculdade depois de velho. Depois de velho, para mim o Unicamp era sempre um hospital. Nunca sabia que o Unicamp era esse negócio gigante que a gente tem aqui, né? O mar de possibilidades. A gente não tem acesso a isso. Eu concluí depois com tempo, depois de adulto nessa proposta nova de outro horizonte de vida, voltei e na mesma escola e concluí a EJA, né? Então, finalizei e tal, comecei um em algum momento fazer uma uma faculdade de ciências políticas ali, mas não foi uma coisa que me apeteceu muito, então tá trancado, né? Meu objetivo de vida é fazer direito” (Entrevista com um dos militantes do cursinho Emancipa Jordy Moura, 2025).

Essa luta, que é constante, tem um aspecto intrínseco na questão do enraizamento do território. O cursinho como movimento social de educação popular pré-universitário não propicia apenas o conteúdo em si, mas ao contrário, busca promover o pensamento crítico dos educandos ali inseridos de uma forma emancipatória para além do certificado de conclusão do curso pelo Encejea. Essa proposta, portanto, no Emancipa Jordy Moura, está alinhada ao território que é próprio da comunidade e é visto como referência dos moradores para o enfrentamento de determinados desafios do bairro, como é o caso dos incêndios e da violência policial. Dessa forma, para além da conscientização emancipatória, o cursinho busca realizar um trabalho na comunidade em que está inserido, movimentando e transformando-a para assegurar melhorias.

“A proposta de Emancipa faz sentido e transforma porque a gente trabalha o indivíduo, né? [...] A nossa proposta é justamente trabalhar com o que melhor entra dentro da sua realidade. A gente faz esse Tetris pra gente conseguir chegar em algum resultado positivo. E dentro do cursinho isso se dá em colocar a realidade na luta social. Na proposta do Oziel, antes de começar toda aula, a gente faz a aula inaugural, que é o espaço mais amplo de discussão. A gente traz pessoas do território, para falar, né? E ali a gente esmiúça tudo, o que que é o propósito da Rede Emancipa. E aí é muito louco que às vezes a gente pensa que vai expulsar a galera, vai limitar, mas é um chamariz. As pessoas gostam disso, falam assim: ‘Nossa, que legal, cara. Nunca pensei nisso, eu vou querer’ e tal. A gente estreou esse ano com dois casais de pastores. Eles tudo firme e a gente tratando de feminismo, da violência doméstica. [...] Na rede Emancipa a gente tem uma orientação nacional de alguns temas de relevância e a gente tem que encaixar dentro da realidade da comunidade” (Entrevista com um dos militantes do cursinho Emancipa Jordy Moura, 2025).

Os círculos de cultura freireanos, traduzidos na Rede Emancipa como Círculos Emancipa remetem a promoção de debates sobre temas atuais e sociais, estimulando a participação horizontal e crítica dos educandos e educadores, resgatando o trabalho pedagógico de Freire. No Emancipa Jordy Moura, todos os meses dispõe de uma data dedicada ao círculo, para além das aulas que acontecem aos sábados com o intuito de

promover uma discussão crítica sobre deveres e direitos dos moradores como cidadãos sociais, entendendo as características da comunidade e respeitando seus limites e necessidades.

O cursinho enfrenta ainda muitos desafios como a evasão e a rotatividade dos professores. Esse desafio, como comenta os militantes do projeto, está inserido em todas as propostas de formação desenhadas por membros da comunidade por questões envolvendo o estigma do não pertencimento da ação, do sentimento de incapacidade e pela falta de tempo em conciliar os estudos com o período de trabalho. Nesse sentido, como explica um dos militantes, apesar da demanda, do interesse e da iniciativa, há uma força capitalista neoliberal que obriga os educandos a escolherem entre o emprego assalariado e o estudo, forçando-os a escolherem o sustento mensal. Ainda há o desafio de manter a permanência do estudante dentro da universidade, que com taxas de moradia, de deslocamento e alimentação torna-se mais caro do que pagar um curso numa instituição privada de ensino. Em 2025, como conta um dos militantes, um novo desafio foi descoberto: lidar com estudantes em processo de alfabetização.

“Esse ano, inclusive, a gente teve que encarar uma proposta que é o esquema do letramento que a gente não tinha isso em outros momentos [...] A gente ‘tava’ pegando uma faixa etária que já tava alfabetizada, mas que ainda precisava concluir. Aí chegou uma camada de alunos que ainda está em fase de letramento [...] Como é que você faz uma proposta de letramento dentro disso? Aí eu não tenho formação acadêmica, pedagógica, nem nada. O que que a gente fez? Resgatar, estudar e trazer um pouco da história do Paulo Freire, né, com toda aquela questão do ensino dele, que é o ensino do do indivíduo, na parte do indivíduo e tal. Estamos trabalhando algumas propostas dentro disso, dentro da realidade dele, do dia a dia dele [...] E foi um negócio novo que inclusive a gente vai tentar colocar no próximo ano como uma das propostas também que é que a gente até tratou isso também no nosso seminário nacional porque então a gente começou lá em cima e ‘tá’ tendo tá tendo que descer os dois degraus ali pra gente pegar impulso para ir de novo” (Entrevista com um dos militantes do cursinho Emancipa Jordy Moura, 2025).

Apesar de todas as dificuldades, a luta continua viva. Como coletivo, a luta é realizada em conjunto, com muita disposição e desejo de transformação social, de uma sociedade sem desigualdades. Os desafios não param os militantes do cursinho, muito pelo contrário, dão mais vontade de criar condições adequadas para a mudança social. Como finalizou um dos militantes do cursinho:

“A gente tem vários problemas, só que tem muito mais disposição. Tem vários problemas aí colocados aí pra gente tentar passar, mas tem muito mais disposição. E tem algumas pessoas que ainda conseguem dar corpo a isso, né? Fazer dar sentido e fazer a gente criar condições, né? Principalmente no âmbito mais coletivo, pensando nisso, da gente se somar e a gente ir pra frente. Porque nesse espaço mesmo que a

gente consegue ver, 'pô', a dificuldade que eu tô tendo aqui, caramba, é a dificuldade que o pessoal tá tendo lá no Pará. A gente achando que vou lá no Oziel e vou ter que pegar uma hora de ônibus pra gente ir no cursinho dar aula. Aí a pessoa traz um relato que tem que pegar 3 horas de barco no meio do nada para poder dar aula e tal. Então você vai vendo coisas assim, fala assim: "Pô", peraí, então tá todo mundo dentro de um problema, né?" E 'tá', só que 'tá' todo mundo movido por um ideal". Acho que é isso. Então isso para cada relato assim que a gente vê é importante. E aí eu o pessoal, que inclusive já foi aluno, e voltam para dar aula ou para fazer uma parte de coordenação ou algum tipo de voluntariado. É legal. Acho que isso me motiva muito porque mostra que faz sentido o negócio, sabe?" (Entrevista com um dos militantes do cursinho Emancipa Jordy Moura, 2025).

3.4. Concepções de Educação Popular

A educação popular, proposta por Paulo Freire na década de 1960, continua sendo uma importante inspiração nas lutas por melhores condições de vida. Assim como a proposta freireana, os cursinhos populares buscam democratizar o acesso ao conhecimento e romper com as desigualdades sociais, oferecendo uma educação crítica, participativa e transformadora. Nesses espaços, a relação entre educador e educando é horizontal e dialógica, baseada na troca de saberes e no respeito às experiências de vida de cada um. Mais do que preparar para o vestibular, os cursinhos populares assumem a educação como prática de liberdade e resistência, promovendo a conscientização e a mobilização social frente às opressões impostas pelo sistema capitalista neoliberal.

A partir das conversas que tive com educadores populares e de suas vivências nos cursinhos, percebi como essa forma de educação transforma a vida de estudantes, professores e coordenadores, tornando-se uma ferramenta de luta e resistência frente às diversas formas de opressão do sistema capitalista neoliberal. Neste tópico, portanto, busco refletir sobre as concepções desses educadores acerca da educação popular, do cursinho popular e sobre suas expectativas para o futuro desse movimento.

Para muitos, a educação popular é um espaço da construção coletiva de sonhos para além da transmissão de conhecimentos, é um espaço de partilha de desejos, esperanças e projetos de vida. Nos cursinhos populares, esses sonhos se manifestam das mais diversas formas - aprender a ler e escrever, concluir os estudos, ingressar na universidade ou conquistar melhores condições de trabalho. Entretanto, não é um sonho que é sonhado de maneira individual: é um sonho que nasce do coletivo, fortalecendo vínculos, resistências e possibilidades de mudança social.

“Acho que para mim educação popular é confecção de sonhos. É, acho que não só os sonhos que a gente lida, mas a gente também sonha. Porque são sonhos, né? Assim, a gente sonha com educação de qualidade, sobretudo pública. E a gente no dia a dia, a gente lida com sonhos que eu coloquei aqui, que tem vários sonhos querer aprender ler e escrever, de ter o meu certificado para falar que eu concluí o meu estudo, querer ingressar na faculdade, querer fazer mais, né? Querer ter um certificado para ter uma condição melhor de trabalho e tal. Então são sonhos, né? E então para mim acho que a educação popular é isso: é sonhar junto. Sonho que se sonha junto torna a realidade. Sonhos que você sonha sozinho é mais difícil. Mas acho que pelo menos de todos esses 5 anos que a gente tá no Emancipa Jordy, não só dentro da sala de aula, mas fora da sala de aula também, tudo se resume em sonhos, em objetivos, seja sonhos futuros, sonhos atravessados ou limitados. [...] Então, educação popular é sonho e justiça social. Sonho e justiça social” (Entrevista com um dos militantes do cursinho Emancipa Jordy Moura, 2025).

Também, a educação popular é uma promessa de mudança e esperança, contrária às práticas mercadológicas educativas. Freire argumenta que a educação bancária reduz o aluno a um ser passivo, que apenas recebe conteúdos prontos, sem questionar ou construir conhecimento, diferente da educação popular que age como um espaço de possibilidade — um caminho para enfrentar o sistema e acreditar que uma educação gratuita e de qualidade pode transformar realidades e enfrentar a barbárie.

“Acho que educação popular é uma promessa. É uma promessa de que dias melhores virão, de que é possível enfrentar o sistema, de que é possível inclusive acessar a educação de qualidade. Porque quando a gente lida com a educação que é comercializada a qualidade vem em função da relação comercial que se tem, do contratado e contratante. E quando a educação é gratuita, ela ‘tá’ mais próxima da realidade de quem ‘tá’ buscando se educar. A gente tem uma promessa de que os frutos vão vir e serão melhor aproveitados do que nessa situação que ‘tá’ sendo negada para eles. Então, acho que educação popular para mim é uma promessa de que a gente consegue inverter essa história, que a gente consegue superar o sistema, que a gente consegue quebrar o sistema. Superar o sistema seria bom, mas quebrar o sistema seria melhor ainda. Então acho que a definição para mim de educação popular é isso: Promessa. Acho que é a palavra que resume tudo.” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

A luta, a comunhão, a partilha e a organização social também são formas de educação popular. É a partir dela que o povo pode aprender, questionar e se auto-organizar para exercer a luta popular por melhores condições de vida, para a redução das desigualdades sociais e para mais justiça social. Para Freire, a ideia de comunhão é a partir da partilha de saberes, afetos e experiências que os sujeitos se fortalecem e encontram inspiração para resistir e transformar a realidade.

“Para mim é comunhão. É a comunhão e a luta, né? E organização. É um protótipo de auto-organização também da nossa gente, né? Porque no final das contas a inspiração toda é justamente para a formação de condições de organização para a luta popular, né? E eu gosto da ideia de falar da solidariedade e outras coisas, mas bom, o Paulo Freire também falava muito em comunhão, né? [...] Acho que uma das coisas mais bonitas mesmo é a partilha, né? É partilhar. E aí, sai quando ‘tá’ falando

das inspirações também, porque ele fala de ter o entorno que te inspira, afinal das contas é isso, né? A gente se fortalece justamente porque a gente ‘tá’ em comunhão.” (Entrevista com um dos fundadores da Rede Emancipa em Campinas, 2025).

A educação popular é sonho, esperança, luta e resistência de um povo em meio a barbárie. É sonho porque é aquilo que vive dentro de nós desde moços e moças; é esperança de um mundo melhor e mais igualitário; é luta pelas opressões que nos puxam para trás; e é resistência porque, mesmo sendo puxados para trás, seguimos em frente procurando alcançar um mundo melhor. É esperança viva, e não apenas substantivo, é verbo-ação: é *esperançar* - prática, verbo e luta em meio às injustiças sociais. É uma educação com consciência política, que busca organizar a luta do povo, para o povo e com o povo. Para o povo, educação, pão e comunhão porque ele tudo produz e tudo a ele pertence.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo analisar os cursinhos populares enquanto práticas educativas inseridas na tradição da educação popular, compreendendo-os como movimentos sociais que articulam formação crítica, ação coletiva e democratização do acesso ao ensino superior. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar que essas iniciativas não apenas respondem às desigualdades históricas que marcam o acesso à universidade pública no Brasil, mas também produzem uma pedagogia própria, fundamentada na práxis freiriana, no trabalho de base e na atuação político-comunitária.

Para isso, a retomada histórica por meio da literatura existente, permitiu compreender que a emergência dos cursinhos populares está intrinsecamente relacionada às transformações políticas e sociais do país, desde sua articulação inicial no interior do movimento estudantil, passando pelo impacto repressivo da ditadura militar, até sua reconfiguração no contexto da redemocratização, das lutas antirracistas e da expansão dos movimentos populares nos anos 1990 e 2000. A consolidação de experiências como o MSU, a EDUCAFRO, a UNEafro e a Rede Emancipa demonstrou que os cursinhos extrapolaram o caráter preparatório, adquirindo contornos próprios de movimento social com identidade política e pedagógica.

Com a análise da pedagogia dos cursinhos populares, evidenciou-se que esses espaços se diferenciam substancialmente do modelo bancário característico dos cursinhos privados e mercadológicos. Neles, o processo educativo é orientado por princípios como horizontalidade, diálogo, territorialização, solidariedade e formação política, alinhando-se diretamente à concepção freiriana de educação como prática de liberdade enquanto que os cursinhos populares assumem um papel formativo que ultrapassa a dimensão cognitiva, articulando saberes escolares com saberes comunitários e promovendo a formação de sujeitos capazes de compreender e intervir criticamente na realidade em que vivem.

Nas entrevistas, por meio da história oral referente às experiências de cursinhos populares em Campinas entre 2000 e 2020, pude observar como essa pedagogia se materializa por meio de práticas concretas, tais como os círculos de formação, o acompanhamento individualizado, as dinâmicas culturais e os processos organizativos internos. Os depoimentos analisados demonstraram que os cursinhos constituem espaços de acolhimento, pertencimento e desenvolvimento de consciência política, contribuindo tanto para o desempenho acadêmico dos educandos quanto para sua inserção ativa na vida social e

comunitária. Como apontado nos relatos, o ingresso na universidade pública é apenas uma das dimensões de transformação alcançadas, sendo igualmente relevante a formação cidadã construída nesses contextos.

Assim, os resultados da pesquisa permitem afirmar que os cursinhos populares configuram-se como importante campo de estudo da pedagogia e como relevante objeto para o debate educacional contemporâneo, pois eles evidenciam que a educação popular permanece como ferramenta potente para enfrentar desigualdades estruturais, especialmente no que diz respeito ao acesso à educação superior, e que a produção de práticas emancipadoras pode emergir de coletivos organizados nos territórios periféricos.

Conclui-se, portanto, que aprofundar a compreensão sobre os cursinhos populares é ampliar o entendimento sobre formas alternativas e democráticas de organização educativa. A partir desta investigação, reafirma-se a necessidade de reconhecimento institucional, de políticas públicas de apoio e de iniciativas de fortalecimento dessas experiências, que têm contribuído de modo significativo para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. Espero que este trabalho possa fomentar novos estudos e pesquisas, ampliando o debate sobre as interfaces entre educação popular, movimentos sociais e acesso ao ensino superior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAALBAKI, A. & NASCIMENTO, L. **Movimentos sociais e educação popular no Brasil**. Pleiade, 15(32): 28-37, Jan.-Jun., 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. Editora Brasiliense, 1984.

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; PIO, Paulo Martins. **A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 98, p. 428-445, 2017.

CASTRO, Cloves Alexandre de. **Movimento socioespacial de cursinhos alternativos e populares: a luta por acesso à universidade no contexto do direito à cidade**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2011.

CÉSAR GERHARDT, Milton; FRANTZ, Walter. **Educação popular e movimentos sociais: possibilidades de relações democráticas**. Revista de Educação Popular, v. 18, n. 1, 2019.

COSTA, M. **“Voltar para a base: a necessidade estratégica da educação popular contra a barbárie no Brasil”**. In: SALÉM, J.; MENDES, M. & MUSSI, D. Paulo Freire e a educação popular: esperar em tempos de barbárie. São Paulo: Elefante, 2023.

DA COSTA ARAGÃO, Rigler et al. **Cursinho Popular Emancipa: movimento de educação popular**. Revista de Educação Popular, v. 14, n. 2, 2015.

DE CASTRO, Cloves Alexandre. **Educação popular, movimentos sociais e cursinhos populares: uma análise pelo espaço**. Cadernos CIMEAC, v. 2, n. 2, p. 24-33, 2012.

DE CARVALHO, Marcio. **A educação popular como princípio dos cursinhos populares**. Cadernos CIMEAC, v. 3, n. 2, p. 73-82, 2013.

FÁVERO, Osmar; SIQUEIRA, Elisa Motta de Souza. **Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos. Memória e História**. Estudos e práticas em EJA: ampliando olhares. Rio de Janeiro: Caetés, p. 123-130, 2016.

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de. **Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930)**. Encontro de pesquisa em educação do

centro-oeste, v. 12, p. 30-45, 2014.

FREIRE, Paulo. **Como trabalhar com o povo**. 1983.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 2013.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e a educação popular**. Revista Proposta, n. 113, p. 21-27, 2007.

GADOTTI, Moacir. **“Retomar o sonho interrompido para esperar e educar em tempos de barbárie.”** In: SALÉM, J.; MENDES, M. & MUSSI, D. Paulo Freire e a educação popular: esperar em tempos de barbárie. São Paulo: Elefante, 2023.

GERHARDT, Milton César; FRANTZ, Walter. **Educação popular e movimentos sociais: possibilidades de relações democráticas**. Revista de Educação Popular, v. 18, n. 1, p. 92-104, 2019.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista brasileira de Educação, v. 16, p. 333-361, 2011.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. 1994

LAZARINI, Ariane; DI PIERRO, Maria Clara. **Cursinhos Populares como Movimento Social: a democratização do ensino superior em pauta**. Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos, v. 5, n. 10, 2022.

MENDES, Maíra Tavares. **Cursinhos populares pré-universitários e educação popular: uma relação possível**. Anais do XI Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, v. 11, 2009.

MENDES, Maria Tavares; DE CAMARGO LIMA, Cibele; DE ANDRADE RUFATO, Marcela. **Cursinhos populares em movimento: entrelaçando lutas por educação e (r) existência**. Rizoma freireano, n. 37, p. 1, 2024.

MENDES, Maíra Tavares; RUFATO, M. A. **Por que não passam? Cursinhos Populares e Tempo Curricular. Uma Problematização a partir de Experiências da Rede Emancipa**. Educação, Sociedade e Teorias Pedagógicas: reflexões formativas, p. 103-118, 2015.

PELOSO, Ranulfo (org). **Trabalho de base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

REDE EMANCIPA. **Proposta de Organização da Rede Emancipa**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Ef8TIncLEzi13KSUW25fGKmdkfD6s9ML/view>. Acesso em 25 de outubro de 2025.

REDE EMANCIPA. **10 Anos Emancipa: Educando para a Liberdade**. São Paulo, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Y_2O9Ojhz9Zs4CFyK5BSYQ9c0-gVJeZy/vi. Acesso em: 8 de outubro de 2025.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo: 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TARLAU, Rebecca. **From a language to a theory of resistance: Critical pedagogy, the limits of “framing,” and social change**. *Educational theory*, v. 64, n. 4, p. 369-392, 2014.

TAVARES MENDES, Maíra; DE ANDRADE RUFATO, Marcela. **Falling short of university admission in Brazil: responses from cursinhos populares social movements**. *Journal of Education Policy*, p. 1-20, 2024.